

ENT  
RE  
D  
O  
I  
S  
VETO  
RE  
S

LINO MACHADO

\*

- MAS... POEMAS?

- AH, SIM: MAIS...



## Governo do Estado do Espírito Santo

Governador

José Renato Casagrande

Vice-Governador

Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura

Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura

Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural

Rita Sarmento

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas

Nádia Alcure Campos da Costa

## Instituto Sincades

Presidente

Idalberto Moro

Gerente Executivo

Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos

Ivete Paganini

Coordenadora de Projetos

Lívia Caetano Brunoro

Jornalista

Roberta Fachetti Silvestre

Assistentes de Projetos

Bruna Casoli

Patrícia Soares Lucio

ENT  
RE  
D  
O  
I  
S  
VETO  
RE  
S

LINO MACHADO

\*

- MAS... POEMAS?

- AH, SIM: MAIS...

SECULT  
VITÓRIA, ES  
2014

© Secretaria de Estado da Cultura, 2014  
Governo do Estado do Espírito Santo

Coordenação Gráfica e Editorial  
Márcia Selvátice Tourinho

Revisão  
Ariani Caetano

Capa  
o autor

Projeto gráfico e diagramação  
Link Editoração

Impressão  
GSA Gráfica e Editora

Tiragem  
1.000 exemplares

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Pública do Espírito Santo

---

M149e Machado, Lino, 1957.

Entre dois vetores: - mas... poemas? – ah, sim: mais...  
/ Lino Machado; coordenação editorial de Márcia Selvátice  
Tourinho; revisão de Ariani Caetano. – Vitória - ES: SECULT, 2014.  
296 p.

1. Poesia Brasileira. I. Título

CDD: B869.1

---

# Novos horizontes e descobertas

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

São dezenas de livros lançados pela Secretaria de Estado da Cultura desde o início do Governo Renato Casagrande, demonstrando a força e pujança de nossos escritores, sendo motivo de satisfação a publicação dos livros agraciados pelos Editais da Secult 2011 a 2013.

Narrativas curtas e longas, poesias, crônicas, contos, histórias em quadrinhos, obras para o público infanto-juvenil que integram esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Por tudo isso, podemos afirmar que levar essas obras aos leitores da Grande Vitória e do interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano através da promoção da arte e da cultura.

Todas as obras editadas pela Secult, seja através de Editais ou de parcerias como as realizadas com o Instituto Sincades e outras instituições, são distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. O lançamento destes livros, por exemplo, reafirma a política cultural de apoio permanente ao livro e ao estímulo à leitura do Governo Renato Casagrande. Assim como outras ações, como a Biblioteca Móvel — que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória dentro das ações do Estado Presente —, e a Biblioteca Transcol — que hoje conta com acervo de mais de 12 mil obras para empréstimo aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados pelos nossos escritores sejam sempre plenos de novas descobertas.

**Maurício José da Silva**

*Secretário de Estado da Cultura*



# A cada livro lido, um novo capítulo na história de vida de cada leitor

*“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever – inclusive a sua própria história”.* Atribuída a Bill Gates, essa frase resume a contribuição, cada vez maior, do Instituto Sincades à publicação de livros, especialmente de autores capixabas.

O Instituto de Ação Social e Cultura Sincades – Instituto Sincades tem como principal foco de ação apoiar e fomentar a cultura capixaba em todas as suas manifestações

A parceria com o Governo do Estado do Espírito Santo, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e da Biblioteca Estadual, tem sido profícua. O acesso gratuito às obras de autores capixabas e a distribuição de exemplares para as bibliotecas mais importantes do país e para as bibliotecas municipais capixabas democratizam e incentivam o saudável hábito da leitura. Ampliam o conhecimento de nossa produção literária, valorizam nossos autores e aproximam o autor do leitor.

Este livro, portanto, não é só mais um livro. É mais uma contribuição para que cada um de nós, leitores, possamos refletir e escrever a própria história que, após cada livro, vai se tornando cada vez mais rica.

Boa leitura.

**Idalberto Moro**

*Presidente do Instituto Sincades*



# TELEOLÍRICA

Continuar  
por quê?  
Porque você  
é um vetor  
(também não vê?)  
iniciado  
no ponto Gê  
que se extremou  
quando sentiu  
a ação jocunda  
ou força irada  
chamada Agá.

“Agora  
prossiga a ser”,  
isto dirá  
mesmo amanhã  
qualquer não baço  
retrovisor.

Assim, senhor  
(ou se senhora  
muito melhor):  
continuar  
a dar o abraço  
homemmulher  
com e sem sexo  
que se quiser  
no tempo espaço.

Vale dizer,  
também mudar  
e quando for  
ao léu e além,  
tombar apenas  
(lombar e ardor)  
sendo a valer.

Isto, porém,  
sem permitir  
que a nossa  
velha ou novíssima  
guitarrelétrica  
venha a lascar.

Docestridências.  
Ações, canções,  
não mil pensânsias...  
Continuar!

Dílson Maltês – *Luná(u)ticas*

[...]penso ser adequada a[...]opção terminológico-  
semântica, em geral menos adotada: mélica,  
em substituição a “lírica” no sentido antigo [...].

Giuliana Ragusa – *Lira, mito e erotismo*

# Sumário

---

PARÁBOLA PARA UM ARQUEIRO .....	17
DOMINGOS .....	19
DEFINIÇÃO E DÚVIDA.....	22
COM OU SEM SIC.....	24
EVENTO NA RUA .....	26
SUBLUNAR.....	27
MINÚSCULAS: A MENOS OU A MAIS.....	30
... LMNOPO.....	32
6 DE MAIO.....	34
SITUAÇÃO.....	36
LAUTOBIOGRAFIA.....	38
CORREÇÕES.....	40
AINDA (SE NÃO UM BRINDE).....	42
EM LINHAS RETAS.....	44
(CON)VENCENDO.....	45
DUÉLOGO.....	47
TODAS AS PATOTAS.....	48
ENTRE AS CORES.....	50
ATUALIZAÇÃO.....	52
CONSELHOS!.....	53
DELIRANTE.....	55
ESTRANHAMENTE.....	56
VISÃO.....	57
ÀS AVESSAS.....	58
EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS.....	59
AGUERRIDO.....	60
ESQUINAS.....	62
DESERTED CITIES OF THE HEART*.....	64
NOVOS CONSELHOS.....	66
LÍRICO OU MÉLICO?.....	69
TAMBÉM "NOSSO TEMPO".....	71
DUAL & CIA.....	73
LABIRINTO DOS NEGÓCIOS.....	75
DIALÉTICA PATRONAL.....	76
PRAGMARX.....	77

---

FINDAGAÇÃO.....	79
ESCRITAS.....	80
DUPLAS HÉLICES.....	82
GOZOS.....	85
CISMAS.....	88
FAMILIFABULAR.....	90
A ZEMOCRACIA.....	92
UMA NOITE DO TERCEIRO MILÊNIO.....	96
A LEITORA.....	98
BILHETES.....	99
KRINO.....	100
CURTO GROSSO RUIDOSO.....	101
IMPASSE.....	102
AUTO.....	104
TANATOMANIA.....	105
AURORA APRESSADA.....	107
DINHEIRO TILINTANDO: LONGE DAQUI.....	109
VOCATIVOS.....	111
DE LONGE.....	113
SOCIOSSOMÁTICO.....	115
CALDEIRA GLOBAL.....	116
OUTROS DOMINGOS.....	118
DESACORDO.....	120
SEM RESPOSTAS.....	121
UP-TO-DATE.....	122
DISTORÇÃO.....	123
RIMAS F(R)ACAS.....	126
ÓBVIA.....	130
NOVA ERRATA.....	131
LIÇÃO DE LOBOTOMIA.....	132
UM, ALIÁS, O.....	136
METAMORFOSES.....	138
BESTEMUNHO.....	139
FÍGADO FERROZ.....	140
PASSIOFILIAS.....	142

NEM EU .....	144
NOITURNOS: QUATREVAS.....	145
LABIRINTO DOS NEGÓCIOS.....	147
(CON)VERSÃO .....	148
PARADOXO .....	149
O ATOR, A CICATRIZ.....	150
VELHO PROBLEMA.....	151
MEIA ENCRUZILHADA.....	152
CULTURA.....	154
TEOLÓGICA.....	156
REAL(CE).....	158
TECENDO A TREVA.....	160
ALBA .....	163
MENTEMPESTADES.....	165
O GRANDE CANAL.....	167
EXPERIÊNCIA.....	172
APURO(S).....	174
MODULADAINHA.....	175
CURTA (A) INSPIRAÇÃO.....	176
DIAS.....	178
79 COMO SÍMBOLO.....	180
TODESTRIEB.....	182
CABO DE TUDO.....	184
RELATO.....	185
DESTRUKTIONTRIEB.....	187
ZYKLON B.....	189
CONCLAMOR.....	190
ELOGIO DA ARQUEOLOGIA.....	192
CANTOADA.....	194
DITADOS SABIDOS.....	196
AO SEU TOQUE.....	198
ALMOÇO.....	200
O DIA C (OU DA CATÁSTROFE).....	201
UNUS MUNDUS.....	203
TANTO.....	205
MODELOS.....	207
FANFARRA? ALOTROPIA?.....	208

UM DOIS TRÊS.....	212
SUPER-NOVA / VELHA QUESTÃO.....	213
RUIM?.....	216
TERRA.....	217
AQUI, PARA LÁ E ALÉM.....	219
FORMAÇÃO.....	220
CONE DE LUZ.....	221
MONÓLOGO SOBRE COMENTÁRIOS OUVIDOS.....	223
AGORA (E AO LADO).....	226
FÓTONS E AFETOS.....	228
SÍMBOLOS.....	230
MESES DEPOIS DE.....	232
EVIDÊNCIAS.....	234
MANHÃS.....	236
A VIDA, A NÃO-VIDA E O NADA.....	238
AUTOAJUDAS.....	241
MODÉSTIA.....	243
MISANTROPISMO.....	245
V. M. H. – E OUTRAS DÚVIDAS.....	246
AREIA ÁGUA UREIA.....	249
SEGUNDO MILÊNIO A.C.....	250
IN MEMORIAM A. P.....	254
KHUBILGAN.....	255
MONTE EREBUS, ANIMUS E MAIS.....	259
TRAUMAS EM TEMPOS DE PAZ.....	261
PARA AQUÉM DO PENSADOR DA MENTE.....	263
AMOLANDO.....	269
DÍPTICO.....	270
7 x 1.000.000.000.....	274
MAROTIMISMO.....	276
QUESTÃO.....	282
O DIA DO JUÍZO FINAL.....	283
(LOCALIZAR NO PC.....	285
HETERÓLOGO.....	287
MUITO BOM.....	289
COMO O AZUL, A BRASA.....	290
OTIMISMO.....	292



# PARÁBOLA PARA UM ARQUEIRO

Uma seta  
(vejam: → esta)  
aponta para  
um  
ponto  
– e  
pronto

ou

– se aí não para –  
aponta para  
uma  
invisível  
reta  
(reta–rota)

ou

ainda para  
outra  
seta  
(também rota)

que  
quer aponte

ou não

para  
mais pontos retas setas  
irá  
atingir  
afinal  
o  
seu ponto  
certo.

E eis aqui  
o preciso desfecho  
de um tonto  
conto

ou seja

atinja um brejo  
ou siga com a Voyager  
uma seta decerto  
não se  
derrota.

# DOMINGOS

Semanas  
sem ser a águia  
nem a serpente –

sim  
semanas que  
somam  
meses  
mesmo que não  
um ano inteiro  
ou meio sequer  
para o meu alívio  
mais o dos meus  
e até  
o dos que não –

semanas  
das rotinas no cimento  
e dos feriados  
ou dos dias de férias  
nas retinas  
(tão rotineiros  
quanto aquelas primas) –

até que um  
ódio  
ou dois  
adiante  
amor ou morte

solucionem  
se não  
silenciarem.

Selecione, por con-  
seguinte:  
deleite-se, não se  
delete apenas por um  
ódio  
ou dez.

Assim  
também a mim  
eu digo?  
Por certo  
mal eu desperto  
tarde ou bem cedo  
martelando  
uns pregos preciosos  
(que com o passar dos dias  
nem sempre  
se mantêm fixos)  
na madeira  
dos meus domingos.

## 2

E com tal  
mudança de imagens  
(típica  
do meu ofício

com as suas artimanhas)  
prossigo no impasse:  
distante  
dos arquétipos da ave  
e do ofídio  
que mais do que tantos  
me fascinavam.

# DEFINIÇÃO E DÚVIDA

Não são de fato

torres

que tenham

nos seus roteiros

ir contra o céu

os nossos prédios

mais altos.

Aqui não há

deveras

as taras

de uma boa

Babel.

Tampouco apenas

um pacto

hiperconcreto

com mais e mais

espaço útil.

Mas sobretudo:

o escapulir crescente

do nível

dos meros pés

no asfalto

onde labuta

a parte maior

das gentes,

aquela que mal

consegue tempo

para sofrer

enfartos

em trânsito –  
sim, senhora,  
aquela parcela  
sem tapetes  
nem gatos persas  
em que agora,  
mão no queixo  
e meio tonto  
no estreito  
da passarela,  
não sei dizer  
até que ponto  
me encaixo.

# COM OU SEM S/C

Cá e lá  
ao léu  
sob o sol  
ali  
e além ou ao  
luar

nem sempre  
as mesmas questões  
me assombram  
edifício  
antecipando  
a hora  
dos seus escombros.

Valem às vezes  
os bons espíritos  
de um lugar –  
e eles (r)existem  
de sobra.

Ainda bem:

o espaço também  
tem como  
aliviar  
pessoas de “princípios”  
e “termos”.

Nós mesmos  
indo e vindo  
mais leves  
sem maiores  
manobras

ou no mínimo  
com menos armas  
nos ombros.

# EVENTO NA RUA

Eu  
e súbito um  
rato

(para o rato, porém,  
o súbito sou  
eu):

mútuo-assustados, assustando  
muito  
um

ao pobre  
do que é somente  
o outro seu.

# SUBLUNAR

Estrelas,  
tê-las também  
horizontalmente –  
terra  
a terra –  
tarefa que (meu peito  
bufa,  
berra, esbra  
veja)  
nunca é fácil,  
reles,  
rasteira:

como encaixar  
um valor mais alto  
aqui embaixo

ou – esforço indócil –  
equiparar  
em certos dias  
um Everest  
a uma cadeira?

Estrelas pensadas  
com os emotivos  
sinais positivos  
apenas  
sob um céu de estrada:

obviedade,  
convenção  
que pouco arde.

Estrelas, ao invés:  
como Keplers e Bilacs  
in  
sanos ou hoje  
radioastrônomos,  
conseguir  
ouvir seus sons,  
quer dizer,  
de vez em vez  
descê-las  
ao subestimado  
(mas tão valioso) nível do chão,  
o nosso terráqueo  
convés.

No  
extremo  
dos  
extremos  
eis  
todavia  
um risco:

obter assim  
apenas  
extrelas –

ou bem menos  
que alguns meros  
rabiscos.

# MINÚSCULAS: A MENOS OU A MAIS

Animado  
mas também com pressa  
hoje cedo digito no Google  
o tópico “aristóteles  
e a escravidão” ou “a escravidão  
em aristóteles”

antes  
de pesquisar melhor  
temas atuais  
como “ciborgue”, “mente artificial”,  
“homem de silício”.

Horas à frente  
enquanto me doem os dedos  
penso  
com minha sombra  
nos próximo milênio –

os 365 x 1000  
arredondados  
dessa tão óbvia quanto não  
tão garantida assim  
quantidade gregoriana  
de dias a vir.

Sob o relógio do sol  
penso  
do mesmo modo  
em mãos (?) apressadas (?)  
dedilhando (?) num Google (?)  
depois de 365.000 luas  
o tópico “google”  
já  
tão pouco nítido  
como o assunto “sombra”  
em não sei  
que pós-cilício  
ou suplício global.

Sem pressa  
e também animado  
hoje cedo  
alguns dedos ainda doídos  
a temas  
menos atuais.

... LMNOPO...

“Vamos compartilhar,  
juntar as ilhas  
dos nossos comportamentos –  
continentalizados  
num almoço único”,  
eu disse  
ou me propuseram,  
sei lá.

“Sim,  
mas depende muito de como  
você vier  
a se comportar  
entre os primeiros pratos  
e as compotas”,  
ouvi  
ou talvez foi um verbo  
tipo vice-versa  
ressoando  
em resposta  
entre os multíssimos  
que (sabemos)  
por aqui sempre houve  
ou se verá.

O que agora afirmo  
estar correto  
é ego  
e contra-ego

conti  
nu  
armos  
com firmeza  
a nego  
ciar.

A paz  
é o grande Alvo:  
de verdade  
ela é  
o  
nosso ponto A.

# 6 DE MAIO

Acordei para a estranheza  
do dia.  
Ontem os termos foram  
o “despertar” e a “beleza”.  
Preciso calcular:  
as 25 manhãs restantes de maio  
mais  
as dos meses de junho a dezembro  
somando depois  
todos os anos que – acredito –  
serão fileiras de portas salpicadas  
de sóis, luas  
e não sei que outros astros  
nem quantos respingos de cerveja  
a minha frente  
aniversários adiante.

Não, juro:  
excluo as bebidas!  
As luas, os sóis, a estranheza,  
etc  
já me dão a prosa (incomum)  
do mundo  
mais  
a proeza diária dos vivos  
na poeira  
ao mesmo tempo que amável  
ameaçante  
deste universo.

Também o tempo,  
aliás,  
alia aqui  
a minha experiência,  
a tua  
e a do seu rigoroso revisor  
(seja em termos  
de relógios suíços ou outros)  
Albert.

Caio da cama e saio para o sol,  
não só  
para novas explosões no planeta,  
para alheias e próprias  
mentiras antigas.

# SITUAÇÃO

O  
desamor  
desarruma a imagem  
de gavetas  
de guarda-vestidos,  
armários  
ou qualquer outro móvel  
com objetos que mãos organizaram  
de modo harmônico,  
coisas ao lado de coisas  
agradando – mais do que aos olhos –  
ao calor da mente  
que ainda se anima com a figura central  
do coração.

Ou ele faz aparecer  
em quantidade incômoda  
nessas gavetas emotivas  
objetos cortantes,  
agressivos  
mesmo quando bem arrumados  
em mobília  
que em outros momentos  
nos alegra.

Situação em que da pele  
ao interior da carne  
o que é emoção é corpo,  
corpo, emoção –

e essa reunião muito esquecida  
quando lembrada assim  
implora  
(durante algum tempo  
sem o menor barulho  
de coisas ruins ruindo de vez)  
pela sua própria  
implosão.

Com certeza  
ou setas  
que se demoram demais  
no seu trajeto  
o desamor quase nunca é  
o que em alguém se desfacha  
com rapidez.

# LAUTOBIOGRAFIA

A convite  
pater-materno  
entre o tom  
espuma-de-leite  
e a dor  
vermelho-sangue  
vim  
à tal da vida  
vibrante  
para ver como o verde  
vira  
pensamento do verde,  
do menos verde  
e do nada esverdeado  
naquela ou nesta  
montanha ou parede.

Vim também  
para ir deveras  
do dito verde  
ao roxo de algumas  
das Esmeraldas  
sejam as boazinhas  
sejam  
as bem malvadas  
já que estas (ou aquelas?)  
com mais ardor  
ou menos medo  
se esbaldam.

Assim compareci à danada  
desta vida  
e às vezes fui eu  
o que ficou  
danificado  
no seu tudounada  
(todavia  
é verdade – concedo –  
cedo ou tarde  
houve mesmo  
aquelas e estas  
Aldas berrantes  
ou esmeradas  
enfeitando  
a minha festa  
– não me lembro se antes ou depois  
de atraíçoadas.)

# CORREÇÕES

O a,  
feminino:

desatino  
de dar  
dó.

Bom seria,  
ou melhor, muito mais correto,  
se  
feminina  
fosse de fato  
a letra que chamam  
de o.

Já  
do i  
– sendo a coisa tão evidente –  
nada irei  
re  
ferir

a não ser  
é  
cl  
aro  
que o belo o me tente  
antes  
de

ele dar  
de  
repente  
o  
f  
ora  
d  
aqui.

# AINDA (SE NÃO UM BRINDE)

Para Andréia...

Sim,  
eu aceito de fato  
as tuas mil  
e mil desculpas  
(e lanço no ar  
três  
milhares de outras)  
pelas esplêndidas  
nenhumas noites  
que passamos juntos  
A.C. & D.C.  
ou – mais bem dito –  
nos tempos  
em que eu não punha as mãos  
e o mais  
na tua existência.

À enésima potência  
compensa isto  
e ainda o menos  
termos começado a ver  
no alto  
(para não mencionar  
a maravilha que também passou a existir

nos pratos)  
todas aquelas luas  
muito bem-vindas  
embora não  
contratualmente previstas.

Que elas persistam  
e os elos solares  
na nossa vida na urbe  
enquanto durar  
mais que o das flores  
o rubro  
do vinho de ambos.  
(Com ele virão as outras  
cores todas.)

# EM LINHAS RETAS

Se o feliz  
mente

o in-  
só des-

o que o fe-  
diz

que sente.  
As

sim  
vão os dois

pó atrás  
pé

à frente –  
e nós tam

bém  
tantãs

logo  
depois.

# (CON)VENCENDO

Em mim e em mim  
primeiro ela viu  
um único –

feito o ponto certo  
(não, minto:)  
o pontocentro  
de um círculo  
inserto num círculo  
inserto num círculo  
etc  
concêntricos.

Mais tarde  
(ela anotou)  
as minhas duplas caras  
ficaram claras  
cada uma  
com sua própria cor.

Horripilante?

Não, não  
exatamente  
para as suas pupilas  
que acho quase sempre  
agudas  
inteligentes  
cor  
tantes.

# YOU ARE THE TOP

Clique c-l-i-t-ó-r-i-s

para con

quistar

a

sua

bela modelo.

Pois, ao menos

de iní

cio,

é bem

mais chique

do que

o

tão

saborosamente

po

pular

g-r-e-l-o.

# DUÉLOGO

(Autorrelâmpago)

"És caos,  
rapaz,  
e ao caos  
bem rápido  
exausto  
exato  
virás."

"É tal  
meu ser,  
porém  
por que  
é isto  
nefausto  
dever?"

# TODAS AS PATOTAS

Pálido

parei  
após bater pernas  
por décadas  
por cada um dos quatro  
pontos cardeais do mundo  
sem topar sequer  
com um bom  
abismo.

Felizmente

(notei)  
já não era noite:  
ela só  
me havia feito  
um dos bilhões  
de atores cegos do seu palco  
semiglobal.

Ou os quatro caminhos

são de fato  
a  
bis  
mos  
que nem teus próximos  
nem meus dis  
(tra)  
tantes  
nem patetas nem espertos

de todas as patotas  
faz tempo  
conseguimos farejar.

# ENTRE AS CORES

Febril

feito um forte  
amarelo  
afirmo: já vi vermelhos  
em meus delírios

conforme anotei  
com muita precisão  
em não sei qual página  
de ar  
dos meus cadernos.

Alguém  
então me dê  
colírio incolor  
para que eu suporte  
o fulgor-paraíso  
deste nosso  
estranho inferno.

Melhor ainda:

que eu mereça  
o elixir vital  
para continuar aqui  
despivestido  
entre as cores  
que invejo tanto  
e as que

como vocês  
eu nunca escolhi  
– garanto.

# ATUALIZAÇÃO

Fui a cavalo  
à mais funda caverna  
do inferno.  
Mas ali o diabo  
apesar de antiquado  
me fez moderno:  
voltei a jato.

Acho que enfim  
consegui variar:  
assinei um bom pacto.

# CONSELHOS!

Dê olhos e boca  
nesta ordem  
ou na ordem inversa  
ao que sobe e busca  
a direita  
procura a esquerda  
descendo  
vai pé à frente  
pé atrás  
mesmo que ainda sem pés.  
Dê braços  
bruços  
frente verso e  
tudo o mais  
ao que faz muito  
era coisa  
de forma indefinida  
cobra impalpável  
mas eficiente em seu ofício.  
Dê  
tudo acima  
ao que não é bem  
um hóspede querido.  
Assim ele ganhou ao menos  
três dimensões precisas  
o grande ou com sorte  
pequeno exalar de enxofre  
que há tempo vinha exigindo  
atenção

ao seu odor.  
Pronto (e parabéns  
cara amiga):  
um demônio  
com porte enfim evidente  
desde já  
pode ser enfrentado.

# DELIRANTE

Delirante

(ainda que de pobre)

alegria:

já despi

aquela tua bela fotografia

de corpo (quase) inteiro

e agora noves fora

tal magia

(claridade se faça

ou talvez

haja só nevoeiro)

ela não se recobre –

não

na minha cabeça

que aliás

pôs na cena

um eterno chuva

para assim

ver mais graça

no tempoespaço inteiro.

# ESTRANHAMENTE

Este azul-tão-excesso  
na demência de sol  
dos dias atuais  
quem diria  
me azucrina bem mais  
a doída visão  
do que faz  
com a minha não vasta  
paciência –  
que aliás poucas vezes  
me anda à mão  
tanto  
nas horas mais baças  
como – desgraça! – nas que chamam  
cruciais.

# VISÃO

Azul, branca e preta  
sob a luz berrante da manhã  
uma placa de trânsito  
não faz com que alguém  
pare  
para admirar seu desenho, seu jogo  
de cores.

Mais ou menos assim  
nos grandes desertos de concreto  
multidões atravessam.

Ah, ótimo:  
entre dois ônibus verdes  
opticamente adiante  
posso observar com nitidez a frente  
de um posto-oásis.  
(Terá uma boa lagoa? um poço?)  
Irritante: veja  
um opala bege  
agora  
me barrando a vista!

# ÀS AVESSAS

O cavalo negro  
do pintor  
sempre que nos vê  
da tela em que pasta  
pachorrento  
acha bem estranha  
nossa cor.

Ele nos visualiza  
de forma perversa  
ou diversamente  
do pintor  
olhamos as coisas  
e as horas que passam  
bastante depressa?

O cavalo-sangue  
e o pintor  
se tivermos sorte  
talvez reverdeçam  
partes nossas  
que o sentimento mais crasso  
embotou.

(Por exemplo  
não deixando ver mais  
estranheza  
na coincidência brusca  
de o cavalo roxo  
e o pintor  
terem afinal  
essa mesma cor.)

# EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

Caminho parado  
mastigando  
alguns quilômetros de tédio  
na esteira rolante  
da minha academia.

Penso então demais em fazer  
exatamente  
não-sei-bem-o-quê  
na data  
muitíssimo precisa  
de-nunca-sei-quando.

Termino curado  
ou não saro  
do que  
– sem conseguir matar o tempo –  
vivo matutando?

Caminho mastigando  
parado  
alguns quilômetros de suor – etc.

# AGUERRIDO

Um único  
(não dois nem três)  
aviso amigo  
de alguém  
meu conhecido  
aos sonsos daqui  
de lá  
e até de além  
sempre fingindo  
que são  
por sua vez  
não agressivos:

“Troiano ou grego  
agora  
ponho meus nervos  
em guerra  
de preferência  
relâmpago  
contra quem tente  
grego ou marciano  
perturbar meu sossego  
com golpes baixos  
ou sobressaltos típicos  
das nossas guerras  
egocêntricas  
de nervos.”

Decerto  
um único  
aviso besta  
às feras  
astutas  
que na segunda  
já pensam  
contudo  
com suas garras  
como vencer mil mundos  
na sexta.

# ESQUINAS

Putos e putas completamente  
preparados em ruas e cantos,  
prontos e a postos feito patrulhas  
para o ataque que vem pela frente,  
pela retaguarda e pelos flancos.

Os cinemas começam comendo,  
digerem mal e depois vomitam  
o prato feito com o seu público.  
Saindo assim eu também imito  
o jeito aceito de ser maluco,  
tão satisfeito ou insatisfeito  
com os presentes que vêm do tempo,  
vários aniversários diários  
soprados ao sabor dos minutos.

E a hora é agora, o tal momento  
de colher ou escolher um par:  
entre essas flores que estão ao vento,  
falsas flores do mal se vendendo,  
flores dum falso mal concorrendo,  
que flor sexual posso comprar?

Não é mais – era há pouco e não quero  
ou não consigo gostar dum eros  
partido entre moedas e os zeros  
que ficam desse esperma-bolero.

Uma calçada leva os meus pés

e faz passar por mim uma igreja,  
uma boate, um supermercado,  
caos tranquilo para que eu veja  
o ideograma urbano entulhado –  
imensas diferenças tão juntas  
se dão cotoveladas  
ou beijos?

# DESERTED CITIES OF THE HEART\*

\* Título de um *rock* irado do Cream.

idades desertas do coração  
ou  
também seria bem certo  
coração nas cidades-deserto  
ou  
ainda perto da verdade  
deserto no coração das cidades  
ou  
por que especificidade não  
(tresvariando na tradução)  
idades e desertos sem coração

ou  
ou  
ou

já que a dor  
ou  
outra coisa  
com o mesmíssimo nome  
em poema e em prosa  
tende a ser mais ou  
menos a mesma mi

sérrima coisa de  
dar dó  
ou  
seja algum desespero  
que pinta e borda  
em bordas de abismo  
enquanto espera  
que uma coisa mais certa  
lhe faça a gentileza  
de caminhar na  
contramão

# NOVOS CONSELHOS

Primeiro abra um abraço desde  
primeiro  
de janeiro pioneiro em certa  
arte ou arte certa  
depois feche os parênteses  
em volta  
do outro corpo que segundo  
as "loucuções"  
do HOUAISS eletrônico  
pode ser:

**a) o corpo cavernoso do clitóris**

("cada uma das duas colunas paralelas  
DE TECIDO ERÉTIL  
que formam o corpo do c.")  
ou

**b) o corpo cavernoso do pênis**

("cada uma das duas colunas paralelas  
DE TECIDO ERÉTIL  
que formam a parte dorsal do corpo do p.")  
e  
tudo isso  
abraço fechado em volta  
de outro corpo  
sempre de  
certa voltagem  
desde já ou janeiro  
produz coisa  
de grande vulto  
até o (agende logo!) solstício

de dezembro  
ou  
muito antes  
toda essa  
tremenda história  
de braços etc  
virou pelo avesso  
algo então sem  
pês  
nem cabeçalhos  
mula amolação mala  
em síntese  
não  
acabou mais do que em  
pó  
na calçada?

Bem: há tempo de sobra  
sóis e sombras  
para pensar muito bem  
nesse trem a dois  
pois  
“duas colunas paralelas”  
mais  
“duas colunas paralelas”  
até que formam um  
belo Templo embora não  
(peçamos tanto?)  
o de  
Salomão.

**P. S.:**

Linguística  
mente surpreende  
o par acima  
TECIDO ERÉTIL/TECIDO ERÉTIL.  
(Pelo que me  
toca  
até que neste  
vale chamado de  
lágrimas-e-esgrimas  
vale a perna vocês porem  
mãos à cobra  
com  
total empenho  
cara coragem cor  
ação  
num trab  
alho  
de tal enver  
ga

# LÍRICO OU MÉLICO?

Mostro meus ossos  
digo  
meus dentes preciosos  
ao dentista  
em silêncio aflito  
com minha pessoa  
agarrando todos os possessivos possíveis  
para defender  
mais um setor da carne ou caverna  
que afinal  
pertence ao mundo.

Mudo  
sou apenas mais  
um  
último ego

demonstrativo  
de monstros bem íntimos nossos  
de fato cômicos

com ou sem  
o seu acompanhamento de risos.

Fora da consulta agora:  
enfim posso  
voltar a perder na rua  
meu rosto  
com dor no interior da boca.

Assim ele não é mais  
meu.

Bom  
que perdue no ar  
ou na língua  
por um bom tempo  
esse gosto per  
turba  
doramente  
feliz.

# TAMBÉM “NOSSO TEMPO”

As existências são poucas:  
Carteiro, ditador, soldado.

Carlos Drummond de Andrade

Ser presidente  
ou presidiário  
ou surpreender presidindo  
tempos após  
haver estado preso  
ou ser preso  
depois de exercer despreocupado  
a presidência  
ou outras combinatórias  
recolhidas  
das cartolas contemporâneas:  
tudo isto é muito,  
Carlos poeta pessimista!

Ou – mais humilde –  
a mim  
e a tantos outros  
tintos  
é que devo corrigir depressa?

Admito não saber  
que papéis de verdade

existam para além  
de deveres bem vários  
nos quais correndo  
nós encaixamos desejos  
mas também medos múltiplos.

“Lugar ao sol”:  
lugares  
de repente salgados  
seja com salários precários  
ou exibindo  
obscenos bilhões  
além de infinitos  
números intermédios –

nenhuns deles hoje nos salvam  
da imagem  
duma selva cada vez menos se  
letiva.

# DUAL & CIA.

Um paraíso fiscal:

lugar onde  
toda a ideia do bem  
faz um bom  
número de anos  
se fez coisa  
anormal.

O inferno financeiro  
todavia:

região  
em que até  
no refrigerador  
do nascer  
ao sol-pôr  
a nossa grana ardia.

Paraíso financeiro,  
inferno fiscal  
(sem deletar  
algum bom purgatório  
como fato médio)

ou  
– em outros termos –  
banqueiros  
de todo o mundo

tendo como lema:

“Em nossos acertos  
& assentos  
a presença de muitos traseiros  
não seria  
coisa bastante *us*  
*ual*”.

# LABIRINTO DOS NEGÓCIOS

"Meu Senhor, até  
mais",

demitido  
despediu-se  
delicado (não se sabe se  
de fato in

satisfeito) o também Sr.  
Satanás.

# DIALÉTICA PATRONAL

Os portões das fábricas  
muitas vezes  
dão políticas  
aporrinhações  
para alguns setores  
já pouco apolíticos –

tanto quanto  
darão grandes lucros  
certas fábricas  
de portões –

dada a tal  
violência urbana  
atingindo graus  
cada vez mais críticos.

# PRAGMARX

(com ou sem  
foice,  
martelo e *mouse*)

Deveria haver  
uma gíria  
que fosse geral,  
quer dizer,  
a língua comum  
tanto ao Mauricinho  
que se julga gênio  
quanto ao bandidão  
mais boçal.

Utopia?

Eu apenas disse  
"Deveria...".

Deplorável,  
coisa e tal,  
mas que anti-babel  
algum dia  
saiu do papel,  
ou cachorro –  
em alguma  
velha ou nova  
globalização –  
fez "Miau"?

# MÃO ÚNICA

Bom asfalto  
como um tapete

mas nunca tapete  
mesmo mau  
como algum asfalto:

ai vão  
dados urbanos  
para um improvável  
verbete.

# FINDAGAÇÃO

Entre a rede  
pública  
e – pior – a privada  
ando pensipenando  
com os meus borbotões  
que mesmoutras  
caoisinhas  
há no ar  
para serem pescadas.

# ESCRITAS

Pensa o pensador  
ao sopé  
dos seus pensamentos impressos  
pesando cada sonzinho:

"Sabem muitos  
que com os grãos de sal  
do meu raciocínio  
tão apreciados  
eu não consigo temperar  
a minha própria existência?"

E como as várias receitas que invento  
com bastante pimenta  
buscando provocar tosse e irritação  
nos reinos deste mundo  
são quase sempre desprezadas  
pela minha esposa?

Sequer saboreio as coisas  
com os modos  
ou a falta de modos à mesa  
que nunca tenho medo de recomendar..."

Medita o pensador  
se cala os seus neurônios mais íntimos  
ou se os escala  
em sinapses que em público teorizem  
como são impróprias as imagens culinárias

para a medição dos que sobem montanhas  
e pós-montanhas tipográficas.

Matuta o pensador:

"Mato certos animais do espírito  
que caem nas minhas redes neurais  
e me livro logo dos seus corpos  
ou os exibo  
nas jaulas dos meus livros?".

Tudo isto por agora.

Os pulos vindouros  
serão a prata da casa  
reservada  
aos seus discípulos.

# DUPLAS HÉLICES

Abel, Caim:  
o morto  
e o matador,  
assim.

Caim, Abel:  
é este a vítima,  
aquele  
(numa visão  
tradicional  
de um dos  
dois  
lados do leque)  
seria o fel.

(Aquiles  
também aqui  
e Heitor?  
Agora não,  
irmão-leitor.)

Eras afora  
porém  
surge o fenômeno  
"permutação":  
Novos Abéis  
podem matar  
os Neocains  
e até

outras espécies  
jogar o jogo  
"Evolução" –  
Lecim, Bacal,  
Caimel, Abim,  
quicá algum  
bom Canibal!

A/C, C/A  
tão só,  
como anadrama,  
malegoria  
em cena  
em nosso  
terreoquintal?

Lápis na mão,  
o impulso  
é Sim.  
A mente muda  
no entanto  
impõe aos dedos  
brinquedos,  
quero dizer:  
desenhos novos.

Mas ela teme  
em contrapé:  
"Que esses rabiscos

hoje nos custem  
todo o papel”.

Ainda assim,  
Abel  
propõe equipe  
ao bom Caim  
que tem  
(agora lembrem)  
em mira Aquiles  
que dizem admirar  
“até morrer”  
o irmão Heitor.

# GOZOS

Os “mestres da dor”  
(saúdem-nos  
ainda  
quando sem maiúsculas)  
frequentam florestas,  
asfaltos,  
também ferindo  
em qualquer solo diferente destes  
– e não só  
os muito másculos, os bem musculosos  
sob o sol.

Fazem sofrer  
(já foram  
enviados ao Congo,  
bons belgas)  
em qualquer parte,  
países  
ou pontos do corpo.

Nunca são,  
todavia,  
os outros somente, os puros insanos  
nem  
de uma nação única.

É viável, provem: podemos ser todos  
tais “anjos da morte”  
ou, ao invés  
desses “monstros totais”

com açoites  
e outros itens que provoquem  
tremores de pânico,  
por que não  
um extremo aceitável,  
o de meros  
“mosquitos humanos”  
picando  
psiques dos próximos?

Grau,  
graduação de asas,  
de gozos  
(doentes ou saudáveis)  
de cada um.  
Escalas.  
Muito mais do que apenas  
um único viés,  
um êxtase exclusivo.  
Sapiência de vasto  
(algumas vezes devastador)  
alcance  
– e que merece incansáveis  
realces:

apta  
a dar conta  
de incontáveis cortes decepantes  
entre os punhos  
e as suas mãos negras  
suando de trabalho absurdo  
nas selvas;

apta ainda  
a abarcar intrigas  
ferinas ou ferozes  
de que temos ciência  
no coração  
dos nossos aposentos  
ou com os pulmões respirando  
ao ar livre  
em Congos, Bêlgicas e no restante  
do alfabeto integral do mundo  
hoje sob as vistas  
da Internet.

## **Envio**

Segue,  
canção já cansativa  
em deslouvor dos Leopoldos  
mais que literalmente reais  
(sem deixar de mencionar  
os seus menores  
de várias bandeiras, mentiras, cores)  
coabitando em todos nós  
nas amplas  
latilongitudes do planeta.

Vai  
até findar um dia  
de vez  
toda essa rubríssima  
diarreia.

# CISMAS

O refugiado  
como pode  
foge  
do seu vizinho  
mais forte e violento.

Um refugiado:

mal consegue  
deixar de beber  
o chá da sua terra  
comprado  
na terra dos outros.

(Um refugiado:

aquele  
que talvez possa mesmo  
vir  
a beber  
para esquecer o amargor  
do verbo ir.)

Um refugiado  
e outro:

os que trazem digitais  
de regiões  
mais ou menos distantes,

com invernos diversos  
e variados verões.

Refugiados:

sempre  
os que precisam conhecer  
novos modos  
de apertar as mãos  
em mundos novos.

Alguns refugiados:

aprenderam  
no seu exílio  
cheio de sol e neve  
ou só com sol  
não existir asilo  
fora deste mundo.

Outros:

sabem  
como pode contar pouco  
saber  
que temos este mundo  
mas não outros  
contando  
em nosso calendário.

# FAMILIFABULAR

Libertadores derrotam tiranos.

Como?

Com saliva,  
armas e outros  
tijolos.

Tiranos são bons líderes  
que perseguem.

Também os libertadores  
tendem  
a seguir os seus líderes  
eficazes.

Líderes libertadores  
podem ter neurônios inventivos  
criando  
suas neotirantias  
que detêm  
e fazem mais do que deter  
minam  
os estouros costumeiros  
das libertações

ou – ao menos – são uns neuróticos  
astutos  
reciclando arames dos antigos líderes  
tiranos.

"Entra ano, sai ano...  
Urge tanger outras notas"  
(conspiram impacientes  
velhas tartarugas  
com touros encurralados)  
"nesta lira recursiva,  
carambolas!"

# A ZEMOCRACIA

meu suspiro impertinente,  
meu social transtornado.

António Gedeão

Pergunta  
que às vezes consegue  
atentar  
nossa alma  
a ponto de  
esta vir a querer  
calmarias  
que antecipem tempestades  
no ar:

*a Zemocracia  
é mesmo algo em que  
os tantos Zés, as quantas Marias  
deveriam  
com maior insistência  
atentar?*

Não sei dizer  
porque  
admito não saber mais  
precisar.

Ou talvez  
melhore o tom  
desta paródia que zomba

dos piores dias  
ou até –  
dando mãos à palmatória  
e à palinódia –  
busque outra modulação  
com um claro “Alto lá!”.  
Então:

*a Zemocracia  
veja você  
é a grande zebra  
(às vezes mais,  
outras menos) rubra  
que há –  
quer haja sol  
quer façam chuva.*

Se não chegamos ao zê  
nite  
e ainda estamos  
engarrafados no agá  
por que  
não andarilhamos todos  
ou ao menos  
os que não tenham  
muitos maus modos  
para mais perto  
de lá?

# LIMITES

Ao Paulo Sodré  
&  
seus discípulos

Como o eterno jovem de Lisboa  
Cesário Verde  
todos andamos por aí  
Terra Água Ar  
deste árduo planeta  
e também pelo elemento novo  
embora bem antigo  
que chamamos Mente.

Com as suas próprias solas de sapato  
todos podem  
ser ou não ser poetas  
que privilegiem  
um  
e até mais  
desses nem sempre doces pedaços  
do mundo.  
(Nunca saberei por que  
quase nunca  
podemos saborear  
todos os quatro bocados.)

Não por escolha  
acredito  
ser o meu nicho ecológico

ou quem sabe salão de festas  
o quarto.

Estou certo? Sigo errado?  
Não importa:  
também nos três outros departamentos  
conhecidos do cotidiano  
tanto os cotados  
quanto os coitados de nós  
precisam pôr  
ao menos pés e mãos no fogo  
mesmo que não ignorem o perigo  
em que passaram a tocar.

## 2

Mente:  
a respeito deste pedaço  
que a realidade reservou  
para a minha própria cozinha  
de verdade ainda desconheço  
boa parte da receita.

# UMA NOITE DO TERCEIRO MILÊNIO

A páginas tantas  
um autor de agora  
desautorizou  
as Semanas Santas.

Papas vêm e vão,  
autores e páginas  
também são lançados  
do Grande Pião.

Ao amor tão só  
reservar o amém?

Certeza de seta:  
atinge o ancião  
já quando neném

mas – tal como acima  
os diversos Tais –  
a sua sina é o pó

embora o destruam  
por igual o *crack*  
e outras cocaínas.

(Mesmo o autor se espanta  
com o que faz dele

um lento leitor  
sem sono e sozinho  
a páginas tantas.)

# A LEITORA

A leitora lê um romance.  
A leitora vê, através do livro.  
A leitora não se vê atravessada pelo romance.  
A leitora vira as páginas do livro.  
A leitora vira personagem de romance.  
A leitora – sem saber? –  
faz do autor personagem do livro.  
A leitora também faz do romance  
um não romance.  
A leitora talvez venha a reler o livro.  
A leitora: “Mais que a vida, o romance!”  
A leitora, ainda:  
“É mais que o romance, a vida!”  
A leitora vai sendo reiteradamente  
devorada, lida.  
(A leitora – algum dia –  
virá a ler a tal da poesia?  
“A seu tempo...” – um sábio barbudo  
responderia.)  
A leitora,  
ora bolas, ela apenas lê um romance.

# BILHETES

Aos de amanhã:

gostaria que amassem  
meu rataplã!

## **2**

Aos só de agora:

compreendo que ainda  
não seja a hora.

# KRINO

Um poeta  
expirado.

Questão certa  
feito dardo:

“Foi porreta  
seu legado?”

(Pobre exteta:  
dissecado.)

# CURTO GROSSO RUIDOSO

Meus caros: o caos  
já é aqui?

(Tantos carros...)

Com muita sorte  
ele está  
apenas perto  
da nossa corte  
e da vossa.

Mas tão erto  
(nossa!)  
rto  
to  
o  
ooooooooôôôóóó  
!

# IMPASSE

Sei que *Surtos* seria  
um ótimo título  
para uma série  
ou – com mais requinte –  
breve suíte  
de poemas.

Porém  
agora é verão  
e meus vizinhos  
familiares e amigos  
além de outros  
que não estou nomeando  
(poetas ou não)  
andam viajando.

Assim  
não vejo ninguém  
diante  
da alça de mira  
da minha lira.

Além do mais  
eu mesmo  
(não escondo)  
venho vivendo  
bem calmo  
nos últimos dias.

Pena:  
trago num bolso  
a boa ideia dos *Surtos*  
e no outro  
um vazio imenso  
para o meu assunto.

# AUTO

Ao meu modo  
pessoal  
passável ou  
péssimo  
sou  
simplesmente  
um Descordista  
neste Jogo

e – para ouvirem  
alguma verdade –  
muito pouco olímpico  
no todo.

(Ao meu modo  
ou modulação,  
pessoal.)

# TANATOMANIA

(Cenário: incerto, é evidente.)

“Três demônios  
terríveis,  
medonhos  
estiveram ontem  
esvoaçando  
pelo meu quarto  
noite adentro.

Matei um deles.

Agora  
quero me unir aos outros  
usando  
o belorrendo  
par de asas  
arrancado  
ao demo morto.

Quem sabe amanhã  
um novo  
ser alado  
não terá  
menos dois voando  
alegres  
ao seu lado?”

Depois

rindo,  
o bípede humano  
dos 22  
versos acima  
e alguns vazios  
também tentou  
revelar ao mundo  
que – diabo mesmo  
é o que não há –.

# AURORA APRESSADA

Quanto ao poder pelo qual o Sol agarra ou segura os planetas,  
e que, sendo corpóreo, funciona da mesma maneira que  
as mãos [...].

Ismaël Boulliau, físico

\*

E a mão da noite embrulha os horizontes

Alvarenga Peixoto, poeta

Dedos do sol  
desempacotam mais um dia  
mas no meu corpo  
ainda envolvido  
pelo papel noturno  
também se encontram algumas  
digitais das sombras.

Todos os dias dedos do sol  
oferecem  
a cada um de nós  
o seu anel.

A noite  
amante ou meretriz  
todavia  
com as suas hematitas  
aceita a disputa.

Quantos anos ou décadas  
até haver de novo paz?

# DINHEIRO TILINTANDO: LONGE DAQUI

Grana é palavra  
que as nossas máquinas  
de fazer sons  
emitem  
quase 100% das vezes  
com gana.

Vocábulo  
que leva muita gente a voar  
de arma na cintura,  
granada entre os dedos  
pelos quatro pontos  
cardeais do mundo  
tentando matar outras gentes –  
dos papas  
com várias gírias na linguagem  
aos que apenas  
giram por aí  
sem razão graúda de centavos  
como os seus avôs.

Grana  
se fala como uma das línguas  
mais francas  
no dia a dia dos desejos

ainda que estes  
se façam menos fáceis de entender  
quando os nossos olhos se fecham  
e afinal  
algumas sombras  
também podem matar a sede  
nas ondas  
eletromagnéticas da mente.

Outro enfoque –  
quem sabe muito fraco  
por requerer  
energia maior  
dos seus pobres eleitos:  
quantos deles terão  
cabeça capaz de ver  
na falta de grana  
o leão da oportunidade única  
para compor  
se não novos *Capitais* incompletos  
certa porcentagem de poemas?

# VOCATIVOS

Trabalhadores  
com pás no chão  
e mentes  
em capacetes  
com – por exemplo –  
estrelas  
como simples logotipo:

que vos dizer  
que também nos oriente  
agora  
que o sol se faz tão pre  
– perdão:  
fervente  
sobre o nosso bravo mundo?

Trabalhadores  
sem paz nas mãos  
e gentes  
com cassetetes:  
compaixão aqui  
é tema  
que alguns acham esquisito.

(Alguns, ou melhor, muitos.)

Trabalhadores  
com paixão  
e muitas vezes só os dentes  
contra cassetetes  
sob uma estrela  
ou a sua ausência escura –  
que nunca foi menos  
que um grande fogotipo.

# DE LONGE

Favelas  
de mendigos estirados ao sol [...] catando as estrelas do corpo como se fossem piolhos.

António Gedeão

Nunca vi  
a neve caindo. Favelas eu vi  
na cidade que faz tempo  
me viu  
e ouviu vir ao mundo.

Não: também não vi  
favelas.  
O que vi: imagens  
às vezes imóveis, às vezes mexendo  
cabeças, braços, pernas.

Mais certo:  
favelas eu vi, sim, toda  
via  
de longe  
como o monte vazio de barracos  
que vejo entre  
a manhã e a tarde  
de hoje.

Óbvio que  
neve nem assim  
eu vi.

Assim  
a fotografia a TV o cinema  
da minha neve e das minhas favelas  
foram como  
focos de famílias diversas,  
divergências  
entre o frio e o frágil  
que se transformaram  
em desafio.

(Imagens tão fortes:  
de olho  
nos ícones delas  
até me esqueci  
das estrelas-piolhos...)

# SOCIOSSOMÁTICO

Autêntica ou falsa  
a loura  
sai do seu carro  
com calça justíssima.  
O guardador de rua  
(fingindo  
guardar alguns carros)  
observa a moça  
indo à boate  
ou ao bar na esquina.  
De dentro  
da sua pele e roupa  
talvez ele veja  
além  
da diferença de sexos  
a diferença de corpos  
em termos do resto.

# CALDEIRA GLOBAL

A moira por quem moiro

Camões

A loira não moura  
mais que bonita  
falsodalisca verossexy  
descalça  
mata o passante

ela  
capa de semana  
ele  
outro parante que encalha  
não em algum banco  
de areia

mas em banca de poucos jornais  
várias re  
vistas  
em calçada brasileira  
dum grande Banco  
para olhos que bem rápido  
mastigam aquela  
e também esta isca.

Temática de tesão  
não de amena morte  
embora no Oriente



# OUTROS DOMINGOS

Isto é  
com certeza  
bem adestrada  
não mais  
que um país – ou pior  
nação  
televisão.

Décadas demais  
de camas,  
cadeiras e mesas  
à imagem  
e vexamelhança  
do visível  
casado ao som.

De um domingo  
sono  
lento  
a outros  
dormindo  
isto é  
um brasilzão  
constituído  
por diver  
sos brasins  
bobocalados  
apesar  
dos seus muitos

alaridos  
e mitos  
a  
lar  
deados.

Sim  
plesmente  
seu melhor sím  
bolo  
tem sido, vem sendo  
(não será ja  
mais vencido?)  
um formi  
dável  
telebrasil.

# DESACORDO

Mídia.

Mídia-café.

Mídia-almoço.

Mídia-jantar.

Mídia-destino.

Como resultado:

mais símios.

“Sim?!

Mas por que

dirigir

esse antidarwinismo

insultante

a um grupo tão sagaz

de primos?”

# SEM RESPOSTAS

Qual  
a realidade  
do que fazemos  
com a nossa realidade mais  
corriqueira

corrida  
como em relatório

retrato holográfico  
de ajustes

nem sempre geradores  
de desajustados

mas também o contrário  
várias vezes?

Qual a irrealidade menos  
corriqueira  
do que fazemos  
com a nossa realidade –  
é pergunta que me interroga  
incômoda  
a cada segunda-feira.

# UP-TO-DATE

Tudo se esgarça  
mesmo o universo.

O mesmo universo  
a nosso favor  
ou ventando adverso  
vira carcaça.

Tudo se esgarça  
com toda a certeza  
mas também  
com seus grãos de graça  
e certa beleza –  
mesmo a carcaça.

Tudo se amassa:  
amores,  
teus poemas  
e  
felizmente  
tristezas –  
mesmo as mais baças.

# DISTORÇÃO

Agora não se fala mais.

Torquato Neto (1970)

Em compensação,  
sob os tetos  
meio tortos ou retos  
mas antenados  
de agora,  
não se cala mais nada,  
mal aparece  
o branco rosado ou o rosicler  
já não tão bem visto  
da aurora,  
todo um conjunto que não deixa de conter  
o seu lado B  
ou "bom"  
– por assim dizer –

com o porém  
perturbador  
de que no "agora"  
hipermoderno  
citado  
versos acima  
temos um novo tipo  
de terror  
ou um terror  
em outros termos,

entre os quais  
o de termos  
que aturar multidões  
de tagarelas  
graves e agudos  
nos impondo seus contatos  
imediatos  
portas adentro  
e (ah  
ia já  
não me lembrando)  
ruas afora.

Agora  
não se cala nada  
nem mesmo  
banalidades sonoras  
sobre  
– por exemplo –  
barracos “enfeitados”  
com buracos (feios)  
de bala.

Agora – insisto,  
inseguro  
numa barricada –  
sob sóis bem sinistros  
não existe o conceito  
de certas coisas ocorrerem  
com rapidez  
ou muita lentidão  
apenas

na calada das noites,  
como noticiado  
desde bem antes  
dos dias de Cristo  
aos nossos – quem sabe agora  
mais drásticos,  
equipados  
com espécies novas  
de açoites e cravos.

# RIMAS F(R)ACAS

se quiser  
mande o pau  
(ou não)

Haroldo de Campos

Mais um  
homem forte  
visto  
como agente  
do progresso  
dum país  
para a gente  
hoje  
venerar.

Mais um outro  
narcisista  
dito artista  
que na mídia  
se explicita  
para a gente  
de novo  
meramente  
espelhar.

Mais um outro  
megaempresário  
que chega

com maus empregos  
e microssalários  
a tiracolo  
para a gente  
agora  
tirando chapéus  
aguentar.

Mais um outro  
que chamam  
programa piloto  
ou lixo  
para a mente  
e o corpo  
tendo até  
suas garotas  
seminuas (?)  
de programa  
ensaiado  
com cuidado  
para a gente  
num futuro  
quase presente

se deixar  
teleguiar.

Mais um –  
mais  
uns e outros –  
mais  
ou menos doutos –  
um conjunto  
que faz tempo  
para tantos  
na verdade  
tanto  
(mal) faz –  
eis aí,  
genteimosos  
como este  
que vos escreve,  
o que hoje,  
hoje  
e hoje há.

## 2

Me diga  
um Zeus  
ou quiçá um sábio  
Ogum

em que coisa enfim  
consiste  
ser um  
pós-Nietzsche  
em tão intragável  
zerum?

# ÓBVIA

Alguns líderes têm:  
telefonias,  
microfones sem fio,  
rádios, TVs,  
um certo harém,  
secretárias,  
bajuladores a postos  
e outras feras.

Então  
por que também  
se preocupam  
com o aumento-ereção  
dos seus arsenais de guerra?

# NOVA ERRATA

Como Farsa  
a história tenha  
seus repetecos  
talvez –  
mas com certeza  
doze  
em treze vezes  
(ou vice-versa?)  
com Força  
bastante descortês.

# LIÇÃO DE LOBOTOMIA

20 e poucos ossos  
(mas seria o mesmo  
em caso de mil)  
se protegem  
a nossa cabeça  
de traumatismos  
nada podem  
contra a desgraça  
de uma só canção  
(quanto mais  
se alguém lembrar  
não uma  
mas uma legião)  
imbecil.

Ossos firmes  
com suturas  
numa certa  
região –  
mas não peçam  
que uma dessas  
20  
e poucas peças  
seja páreo  
para os crimes  
auditivos  
que saturam

este mundo  
absurdo  
de cujas estacas  
barulhentas  
não escapam  
as trompas  
de eustáquio  
tantitontas  
de tão esturpadas  
num Brasil  
ponta a ponta.

Porém  
a quem reclamar  
perdidanos  
contra os quais  
mês a mês  
são inúteis  
paredes mentais  
que só queiram  
o antibis?

Valia mais  
torcer muito  
que uma epidemia  
de amusia  
nos devastasse

por uns 300  
e 60  
e mais dias.

20 e poucos ossos  
que um tal  
Padre-Nosso  
se existiu  
obviamente  
se eximiu  
de projetar<sup>1</sup>  
contra sons –  
muito menos  
como adversos  
à audição  
de tons boçais  
e duvido  
que de vis –  
e até mais.

... Ou não:  
talvez  
o bom fosse  
pôr a ira  
mais colérica  
na coleira  
ou mesmo  
de quarentena  
e propor  
a certa casta  
restrita  
de amigos

---

1 Darwin que me perdoe.

abasteceremos  
as caveiras  
com álcool  
ou outro éter  
do tipo  
até conseguir  
anestesiá-los  
ouvidos  
agraciados  
com sonoras  
agressões  
feitas sempre  
sem remorsos.

Esta não sendo  
a melhor  
das bandeiras –  
ou seja,  
a de piratas  
com rum –  
também não é  
senha ruim,  
meu senhor.

Agora, sim:  
eis o meu fim  
100% –  
ou um basta  
nestas praças  
de lamúrias  
mil, lamentos  
sem (l)arga  
massa.

# UM, ALIÁS, O

“No cano do meu revólver  
vejo  
o olho do Cão!  
Olha bem,  
enxerga melhor  
ou te escolho, criatura: Ele não é  
mesmo caolho,  
esse cara com nome belo  
de Demônio?”

Assim dizia um tipo  
que encontrou sua profissão  
por ser psicótico  
enquanto seu gatilho filosofava  
soberbamente  
sobre Vida, Morte & Tal  
sem temer a canção  
das nossas mais estridentes  
viaturas.

“No cano do meu revólver  
o O do Caolho  
barulhento, caralho!, a luneta  
do Assombração...”

Seguia assim  
feito um dos seus Escolhidos.  
E – suspeito –  
o dito

continua por aqui,  
leitor atento,  
com o seu prazo de validade  
ainda invicto.

# METAMORFOSES

Ironia  
o estuprador  
vir a ser estuprado  
por prisioneiros  
não acusados de estupro  
na cela  
e  
ironia  
elevada ao cubo  
prisioneiros  
não acusados de estupro  
se transformarem  
assim  
em estupradores  
justiceiros.

(Câmaras de eco  
e de horrores –  
porém  
qual dos dois tipos  
fotografar primeiro?)

# BESTEMUNHO

"Meu demônio é forte!"

– sus  
surrou fiel  
con  
fiante  
mais um chefe  
enquanto paramédicos tratavam  
da infecção  
no seu décimo terceiro  
corte.

Um chimpanzé gesticula  
no evento  
mas quem sabe  
onde o bicho afinal  
acena:  
numa floresta  
das que restam no verde  
mais real  
ou só  
em micromata urbana  
de cobertura?

O chefe prossegue.  
Por ora  
murmura, não mata.

# FÍGADO FERROZ

"Em certo dia  
eu ouvi  
do meu calado vizinho  
de cela  
uma queixa que (finjam)  
girava no ar  
exatamente assim  
em gíria amarela:

*Contra mim pregos.  
Espinhos.  
Contra mim  
palavras-prego. Frases-espino.  
Contra mim  
contam enredos  
que não deviam contar.  
Mesquinhos.  
Conversadores  
com bocas  
nunca monolíngues –  
mas para tudo  
que não bata em porta  
cegos.*

Quanto a mim  
ele não disse o que pensava  
assim que foi solto  
antes de partir  
o seu próprio pai  
numa última sequência  
de homicídios.”

# PASSIOFILIAS

Um está muitíssimo só.

Dois – porém – mal se suportam.

Três agora  
ou por enquanto  
é o que disso

resulta. Com quatro  
belos tiros  
à  
queima-roupa,

um dos dois  
portanto  
culpa  
os outros dois da aritmética  
adúltera.

O tal que sobra  
acaba assim  
com a sua ficha  
suja.

Mas  
– sem se dobrar –  
no cilindro

ele nem se lixa  
para a dita.

Um ao menos se vê muito maior.

# NEM EU

Ninguém – ainda bem –  
consegue passar  
com as suas orelhas  
olhudas

por todas as portas  
fechadas  
atrás das nossas mais claras  
ou cabeludas  
palavras

para abrir outras  
portas  
malignas  
fechando não sei que palavras  
nunca ouvidas.

# NOITURNOS: QUATREVAS

## 1. Fim da madrugada

Cotada,  
muito decotada,  
a bela indormecida enfim  
cochilou  
na noicoite da sexúltima  
sexta-freira,  
mefisto é, dançou,  
ou veja, foi dopestupremida  
por um camacho espertofármaco,  
granantido,  
tarautomobilizado para o que desse  
e seviciesse.  
Acordou tocada e retocada  
em todas as suas artes, genitonta.

Amargavida!

## 2. Descornoite

Teve sorte, por sadizer.  
Descobriflagrou tudo, obarservou bem,  
dechifrou sinsim por sinsim,  
conto por conto,  
o que preciprezava dissaber.

Ele ou ela?  
O que piço importa, conarada?  
Ela, baixestar...  
Sai-te.

### **3. Mediocreálido**

Foi à boarte.  
Noite ruim, Deus do réu!

Ainda assim ficou  
– Cristo é, não ficou à parte.

### **4. Frontempo**

Um cão madruladra.  
Alguém-que-vem-lá,  
só,  
finfeliz:  
não foi latrocinado  
routra vez.

# LABIRINTO DOS NEGÓCIOS

"Meu Senhor, até  
mais",

demitido  
despediu-se  
delicado (não se sabe se  
de fato in

satisfeito) o também Sr.  
Satanás.

# (CON)VERSÃO

“Eu sou também  
uma das vítimas”,

disse  
o bom carrasco  
para não se ver  
como o astro  
de muitas cenas  
sinistras.

“Eu não sou  
(tenho fé),  
alguém mais  
é que é  
a fera  
legítima.”

E (ch)orou, ora, pensando  
na sua lista.

# PARADOXO

Sem palavras  
não teríamos  
os atos

que levassem  
de Auschwitz  
aos Bálcãs

ou às ruelas  
de Ruanda  
e suas facções

resolvidas  
com as grandes facas.  
Parte disso

(paradoxo)  
sem mais conversa  
que a das botas

e até  
dos pés des  
calços!

(Cacos  
de vidro. Cascos.  
Gritos...)

# O ATOR, A CICATRIZ

"Aqui  
à beira do cais  
onde faz pouco explodiu  
o navio cargueiro  
ninguém mais admite  
(só eu)  
que ainda cogita ganhar  
o Prêmio Dinamite  
da Paz.

Aqui  
à beira do cais  
ou seria perto da sala VIP  
do aeroporto?

Não importa.  
Num caso ou noutro  
nunca sumirá a cicatriz –  
mire bem:  
que trago a mais  
no meu bélico rosto."

# VELHO PROBLEMA

Contra  
meus irmãos  
feras  
tão pouco  
fra  
ternas  
com quatro  
bombas  
em cada  
mão  
não sei  
se  
e  
xis  
te  
m  
rec  
ursos.

Eles  
(a  
inda  
bem?)  
também  
não.

# MEIA ENCRUZILHADA

Sigam reto  
senhores  
com senha  
ou sem  
(sanha  
também)  
mas atenção  
– aqui está a primeira  
bifurcação:

## **a)**

vontade de existir

(com gentes  
ruas  
fatos  
mundos  
incluídos por completo  
no pacote)

ou

## **b)**

impulso de morrer

(com mundos

fatos  
ruas  
gentes  
também não excluídos  
do pacote).

Sigam rápido  
e ao seu gosto  
que mesmo os fracos  
serão fortes  
e o oposto.

# CULTURA

(em 15 versículos – quase todos saindo pela culatra)

Quis fazer uma Antologia dos Grandes Massacres Humanos, mas eram tantos os maiores que logo aumentei os meus planos.

Imaginei nem mais nem menos que os tomos duma enciclopédia, pomposamente atijolados para conter toda a tragédia,

mas o projeto foi crescendo em pretensão e qualidade, e a Britânica das Matanças virou Biblioteca de Sade

– ainda bastante incompleta, mas cada vez mais encorpada. Aparecem tantos volumes que não posso encadernar cada.

Prateleiras hospitaleiras recebendo o material não dão conta de todo o sangue deste mundo tão hospital.

Como falta espaço vital, é melhor pensar num museu. Nele caberia o que o mundo já fez de pior e esqueceu?

Nele caberia o que o mundo hoje mesmo faz esquecendo? Não sei responder, mas sei bem o que vamos sempre fazendo.

Eu também e você e quem aparecer no chão da Terra, nós que matamos os seus mares e até decapitamos serras.

Não é meu, é nosso o museu. É todo o planeta orbitando na indiferença do universo – simplesmente penso até quando.

Penso em certas ruas e casas, numa porta às vezes aberta. Também penso em certa garota, que era mesmo a garota certa.

Os livros lidos e os não lidos na estante da minha cabeça, mostrando os títulos-lombada onde as aventuras começam.

A música solta no espaço da sala e depois da memória. Um sorriso, um rosto, uma foto, tudo o que tem alguma história.

Devagar e logo depressa sensações, palavras, idéias, idéias,  
sensações, palavras zumbem minha mente-colméia  
e trabalham bem produzindo o desânimo com seu fel, os  
sabores do pessimismo, que mancham este papel  
com uma pergunta final que rapidamente eu apago, riscando  
também todo o resto das folhas que – juro – já rasgo.

# TEOLÓGICA

*The sheltering sky.*

Paul Bowles

“O céu que nos protege”  
às vezes  
nos protege de fato;  
outras tantas  
racha  
nossas cabeças  
como se estas fossem escolhidas  
para o papel de hereges.

“Outras tantas”?  
(Corrija depressa, pessoa mais sábia  
do que uma coruja):  
*“Tantas outras!”*  
é o que indica a soma de cacetadas  
valendo  
para as ditas cabeças.

O céu que nos protege  
que diabo  
de deus então o rege?

O céu: dele afinal  
quem  
ou o que

pode mesmo  
nos proteger?

O céu, enfim:  
veio  
para ficar  
por muito tempo,  
como se vê.  
(Contemos com ele,  
amigos,  
em dose  
de quando em vez  
cavalar,  
isto é,  
pra cavalier.)

# REAL(CE)

Mesmo longe  
hoje  
acordamos  
com nossos travesseiros à beira  
de usinas atômicas  
tal seu poder  
seu perigo  
para lá de letal.

Elas são nossas pirâmides  
porém com novas  
funções e formas  
que mais assustam  
que fascinam.

Centenas de não triângulos  
em horizontes  
espalhados pelo mundo.

Já não parecem naves de pedra  
erguidas na areia  
para atravessar o tempo  
levando mortos  
como em veículos  
que não se deslocam.

Agora  
a morte precisa ser vista  
como energia

ou morte bem viva  
à espera  
de um deslocamento do mundo  
ou dos séculos.

Mesmo longe  
faz tempo  
almoçamos e jantamos todos  
sem pensar muito  
na cabeceira  
destes abismos.

# TECENDO A TREVA

É possível fazer poesia depois de Fukushima, com adornos radioativos?

Raimundo Nonato

Após o horror  
dos terremotos televisados  
(2011)  
alguns afirmam  
ainda que sem muita pose  
nas mesmas televisões:

“AS NOSSAS UZINAS NUCLEARES  
CERÃO MAIS SEGHURAS.  
ESSA MATRIZ DE TEKNOLOGIA...”

Pausa –  
aliás,  
andropausa – menopausa – quase  
raivopausa!

Vale prosseguir?  
Enfrentando  
o demônio do desânimo  
que ataca homens e mulheres,  
sim.

Na boca

de certos matracas  
essa matriz  
nunca poderá ser  
uma péssima  
madrasta  
nem num trilhão de vezes  
irá nos jogar para além das fronteiras  
do "Por-um-triz".

Um desastre apenas não tece a noite:  
é preciso  
que um vazamento nuclear  
não seja aos poucos esvaziado  
com ares técnicos  
e que outro vazamento  
entrelace os seus dedos  
de plutônio e urânio (por que não dizer:  
de plurânio e urônio?),  
eu dizia:  
algum dia outro vazamento  
pegue nas suas mãos as daquele;  
que um novo  
se irradie com estes  
e que novíssimos irmãos

se abracem etc  
quem sabe até  
que numa certa manhã  
diante desse enorme toldo  
radiativo  
tecido pela comunhão de todos  
os vazamentos  
já não exista quem possa repetir:  
“azar”.

## 2

Após o terror televisado  
ao tratar  
das implicações do assunto  
em público  
neste e em mais brasis do mundo  
("Mas que implicantes!")  
alguns  
de verdade ainda fingem ter  
a mesma visão.

# ALBA

Levarei saudades da Aurora.

Noel Rosa

Seis da manhã.

Muito mal acordado,  
ainda sei mal  
desta mesma manhã  
com seu novelo de promessas.

Virão novidades?  
Verei hoje  
mais do que linhas de ônibus  
verdesazuisamarelos  
onde meus óculos vêm viajando  
dias e noites ruas adentro  
da sua ilha de hábitos?

Se for assim,  
amanhã  
já não farei algumas perguntas:  
final,  
aliás, começo, melhor, ainda a primeira linha  
de um diálogo feliz com as horas  
que foi atravessando o equador do dia.

Se não,  
aceitar o retorno

ao frio  
do polo norte do novelo:  
noutras manhãs  
terei novas névoas promissoras  
de um mar  
ou sal mais ardente  
ao sul  
que eu puder ver logo além da  
linha –

mesmo  
se a mão da sorte  
não vier destinar a minha  
a reescrever pelo avesso  
o que antes  
em forma de sina  
me traçou como legenda.

# MENTEMPESTADES

(Unidos pelas pontas  
nervos de um corpo humano  
contornariam o mundo  
– dizem –  
ao menos duas vezes!)

Que nervuras fervem dentro  
do capacete de ossos?

Quais partes do sistema  
ficam mais nervosas  
assim que as pernas de certas ideias  
desembestam?

Como são os truques  
e tiques  
mais eletrificados  
da inteligência  
quando em ebulição?

Como ficam  
algumas peças mentais  
durante nossas piores  
comoções?

Em qual pedaço vivo do corpo  
alguém pode  
encontrar enfim  
o que existe de mais pessoal  
na sua psique?

Em que eras  
melhores respostas  
serão relâmpagos  
ligando céu e terra  
de cabeças que meditam  
sobre o seu próprio  
quebra-cabeça pensante,  
ainda que a partir de perguntas claras  
como garatujas?

# O GRANDE CANAL

Comer,  
começar a pôr  
seletas coisas pequenas  
no Grande Canal  
feito  
não de terra  
mas de vísceras  
que mais dia, menos noite  
reverão a terra,  
matéria  
em novo casamento com  
matéria.

Um dos inícios  
desse processamento  
de franca gulodice  
(venham frangos  
como argumentos palatáveis  
por exemplo  
com algumas batatinhas)  
acontece já  
nas coxias do forno,  
rumando depois para a boca  
até findar,  
após ruminações,  
equidistante  
das nossas coxas

ou  
no orifício  
menos oficial  
do que eficiente  
do ânus  
(oriente do ocidente  
tanto quanto  
o vice-versa disso  
em muitas geopolíticas  
desirmanadas  
dos humanos que somos,  
divididos).

Eis algo  
no desce-e-já-não-sobe  
desse Teatro Digestivo  
e também Obsceno,  
se dermos fé  
a uma das crenças  
da etimologia nossa  
de cada dia:

mesmo democrático  
(vedetes carnudas  
valem aqui  
uns ossos de faquir  
e estes  
o peso das gostosas),  
o Digesteatro  
em grande parte opera  
fora

do fotocenário  
mais evidente,  
a rotina embutida  
nas nossas velhas retinas.

De Adão e consorte  
aos pôsteros  
(que não me verão em pôsteres  
colhendo frutos  
ou livros de sucesso?),  
no processo descrito  
há sempre  
uns toques de cio:

saliva na boca  
falante ou fechada  
e roncos na barriga  
como sinais,  
sinas de desejo  
por nutrientes da natura  
com sabores-paraíso –

ontem  
supridos por mãos,  
hoje  
por supermercados,  
quicá amanhã  
por ciborgues burgueses.

Questão de tamanho  
ou  
– em linha não reta –

de Via Real  
boca-esôfago-estômago-intes-  
tinos-ânus  
com os seus etc  
implícitos nos poemas  
que se chamam corpos vivos:

uns nove  
metros de comprimento  
bissexual  
vêm cumprir o seu papel  
nem fálico nem vagínico  
com êxtase  
e inteligibilidade  
para além  
de qualquer escatologia.

E aqui  
– num meio de campo  
entre o hermético  
e o evidente –  
alguém me lembraria:  
“Enquanto as cobras fumam,  
elas não abandonam o gozo  
de meditar,  
ó meu grande amigo  
dos animais do mundo,  
mesmo dos humaníssimos  
que almejam ser  
menos do que bichos”.

## 2

Por que  
certo olhar digitante  
faz horas  
percorre em vão  
as vielas da *Internet*  
em busca do *rapper*  
que em sua poética de atritos  
denuncie  
a eterna vigilância  
do esfíncter pilórico?

# EXPERIÊNCIA

"Leões  
não são apenas cães  
com juba",  
matutou um tigre  
lambendo com tristeza  
os seus botões –  
já não sabendo  
a melhor maneira  
de dar ciência  
aos seus filhotes  
do valor (ou "des-")  
do que todos  
espertos e tolos  
chamam  
sem maior cuidado  
experiência.

“Eles porém  
não são piores  
que aqueles símios  
de poucos pelos  
que pelos tempos  
com os seus cães  
vêm soletrando  
as leis que querem  
nos nossos nichos  
aos borbotões  
sejamos bichos  
atordoados  
ou autoconfiantes  
leões.”

# APURO(S)

Apuro ouvidos  
olhos  
narinas  
até mesmo  
a boca  
e  
até mesmesmo  
o tato  
para não entrar em apuros  
nesta selva feroz  
que chamam vida  
com seus leões-figuras  
muito mais mordentes  
que leões de fato.

Apuro sentidos  
para que entendam  
preto no branco  
ou em colorido:  
só aceito morrer  
feliz entre as feras  
no último ato.

# MODULADAINHA

Meus bons  
maus poemas – vejam: –  
remam  
rios acima  
lágrimas  
(ou esgrimas)  
abaixo

enquanto eu mesmo  
em silêncio imodesto  
nomeio  
não mais ilhas  
ou outros acidentes  
do líquido da Terra

mas galáxias  
deste vigésimo  
primeiro século  
não menos des  
amparado  
que uns simétricos quarenta e dois  
de antes

também eles com más  
obras primas  
– vejam! – rimando  
abismos  
abaixo  
sorrisos acima.

# CURTA (A) INSPIRAÇÃO

“Cinquentões  
passam a fazer  
quarentena de...?”

– a caneta  
do jovem poeta  
empregado num discreto  
*sex-shop* brasileiro  
pergunta ao papel  
(intervalo  
para almoço rápido  
com pensamentos  
num verão  
Terceiro Milênio).

De verdade  
ele indaga, o novel poeta,  
sem tentar manter  
algum foco no alvo.

Mais ou menos óbvio:  
seta e adaga  
desse neobárbaro  
têm por ora  
outros nortes  
(com Normas ardentes,  
não áridas).

(Nota  
agora perdida  
para que em dias distantes  
da sua belárdua  
biografia...:  
    “I sing the body electric”  
– disto ele sabe  
e aprecia este disco  
antes de outros itens  
importados, sem lhe interessar  
fazer também  
o quarentão Maxwell caber  
na suas atuais sinapses.)

Saúdem-no, pois,  
tanto  
os apenas saudosos, como  
os ainda cinquentases.

# DIAS

Às vezes fico  
no meu próprio canto.  
Contudo  
ali contido  
nem sempre eu  
solo

– o que não me induz  
logo  
a procurar duos,  
trios,  
quartetos  
e mais onde o ego  
por igual se integre,  
compensativo.

Dias  
sem boa repercussão.  
Dias  
(muitos diriam  
com assinaturas e tudo)  
“em que perco o chão”.  
Dias porém  
que são uma só  
entre as nossas  
múltiplas rimas –  
a única regra (ou runa),

não,  
aliás, não,  
nuncas...

Silêncios na agenda  
alternam  
com pautas agitadas.

(Dica  
para a qual  
a nossa psique impaciente  
quando pode  
inventar alguma  
contradita.)

## 79 COMO SÍMBOLO

O sol vem suando  
suas gotas  
ouro-ferventes,  
amarelo quase líquido  
sobre meus cabelos  
brancos.

Que me lembre  
ontem  
esse ouro, digo: vermelho-fogo  
não ardia muito.

Amanhã – tremo –  
ele irá fundir  
o metal ósseo que dá  
a forma bela ou de gente  
ao meu crânio?

Ao seu modo  
vejo como o sol  
(mudo)  
já me responde.

(Ao fundo  
ainda se ouvem aves.  
Mas certos monstros  
tanto quanto seres  
minúsculos  
e também formidáveis  
nem as formigas  
conseguem mais saber  
por onde...)

# TODESTRIEB

“Pulsão de morte”

Sigmund Freud

“Dormir de vez,  
ó meu Doutor Jucundo  
que – vis a vis – já nenhum vivo  
poderá consultar  
sob sóis ou luares  
deste mundo?”

“Negativo. Apenas  
dormir. Não  
dominar de vez a  
dor.  
Se for possível  
(como sempre tem sido)  
mal não fará.  
Ou na ficção  
de um mínimo português  
entre nós:  
haverá paz  
sem paus e pedras  
à mão  
ao menos  
em metade das horas  
de cada mês.”

Um e outro

param. Um deles  
toma nota  
(o austríaco  
reavivado acima  
entre aspas  
e paupérrimas  
rimas):  
“No futuro  
mais rica reflexão  
a despeito  
– perdão:  
a respeito  
de um bom colchão”.

Ou quem matutou  
em tal  
teria sido  
o que afinal  
ainda não?

# CABO DE TUDO

(num demótico  
dos diabos, espero)

Aqui não tem erro.  
Aqui  
não vêm gralhas  
assombrar  
não sei que galhos  
ou hipotéticas  
calhas:

bocetas e ânus,  
bocas,  
grelos e caralhos  
são  
nossas maravilhas  
como são  
nossos próprios  
espantalhos –

por obra  
do que também não sei  
quantas vezes nos (a  
na)  
valha.

# RELATO

“Era de fato uma flor  
a sua boceta”  
(contava assim  
certo amigo  
ao Lino e a outros  
com certo ardor)  
“embora boceta alguma  
seja de fato uma flor.

Mas era uma flor  
que levei à boca,  
ou melhor, a melhor flor  
em que molhei os lábios –  
ou dizendo  
com mais mel ainda:  
ali foi o cálice  
em que eu afundei  
quase toda a língua  
lavando minha alma  
de Almeida carente  
em carne rósea profunda.

Não *era* apenas  
e *ponto final*  
porque foi mesmo em horas  
escuras de ontem  
e segue sendo *agora*  
uma louca  
Luciana noturna

que neste exato  
ou noutro dezembro  
bem que podia  
ser também Ana Lúcida.

Mera flor  
é o que não era  
a sua boceta  
de fato  
já que boceta nenhuma  
deste mundo  
será flor e...  
... aqui interrompo  
meu relatório  
pois não sei bem  
de que facetas do mundo – lunático –  
afinal hoje falo.”

# DESTRUKTIONSTRIEB

Abro a porta –  
    e ei-la, logo na sala:  
a minha fúria.  
Vou à cozinha –  
    e lá, em cima da pia:  
a minha fúria.  
Abro a geladeira –  
    ela, no congelador:  
a minha fúria.  
Chego à janela –  
    ei-la, na paisagem à frente:  
a minha fúria.

Entro no quarto –  
volto à sala –  
reabro a porta – e sempre ali:  
a minha fúria.

Fúria  
por comodidade,  
porém.  
O mote mais certo  
seria  
agressividade – novas fora qualquer  
nhenhém.

Não faz mal,  
todavia:  
é a mesma bossa

dia a dia.  
Minha fúria  
mais boçal  
afinal  
é tal a vossa,  
como dizem  
“sem tirar nem pôr”:  
o que eu chamaria  
de adverso amor.

(Outro “afinal”:  
minha fúria seria  
minha luxúria  
im  
pessoal?)

# ZYKLON B

Sempre é possível  
aspirar  
per  
versamente  
aos expedientes  
mais encomi  
ásticos  
quando se lida  
com a perigosa perícia  
do *homo sapiens*  
e seus mitos.

Sempre é possível,  
per  
versuástico:  
sofisticação  
língua-e-dentes-de-serpente  
daqui  
de lá e dali  
que se aproxima demais  
do infinito.

# CONCLAMOR

Juntem  
as suas forças,  
farsas  
e fuças,  
fraternautas,  
e façam coro  
comigo

num viva urrado  
à vida,  
à mesma  
vezvida surrada  
em cada via,

ou seja,  
um brado brabo  
porém  
cheio de ressalvas  
e ressacas  
à supracitada  
com a mais honesta  
in  
certeza

pois  
diante desta  
bela cadela  
hoje não há outro  
afazer

senão  
vai assaudar  
até  
os mais deliciosos  
dos dissabores  
na sua multilinguada  
cama-e-mesa.

# ELOGIO DA ARQUEOLOGIA

Antes  
(ou ontem ainda) a caveira  
foi pompa barroca:  
aviso  
dado às vaidades,  
destroço  
de um naufrágio-exemplo  
de todos  
os futuros naufrágios.

Faz tempo  
(ou hoje ainda) o crânio  
e outras partes da ossada  
nossa  
e de mais bichos  
seguem  
sendo destroços  
mas não  
só de naufrágios:  
também  
do que tem vindo a bordo  
da nave  
ou do que apelidam vida,  
tanto faz

se com ou sem  
 vaidades barrocas,  
 nem  
 se é mesmo computado  
 tudo  
 que seja desastre.

# CANTOADA

Vibrar, trepidar à beça  
antes  
da derradeira  
soneca  
e – se houver como –  
ressoar igualmente  
durante  
o que ao contrário  
daquele repouso no zero  
poderá ser um incrível  
não sono.

Vibrar, pulsar com  
fibra,  
ó  
ainda lactistas ou já projetos  
de provectos  
à vista,  
se não em todas,  
em várias peças  
que na tonta cabeça  
nos prega a martelante  
selvida.

Vibrar assim como  
convida sempre  
a intensilvar  
certa cobra  
enfurecida.

E que seja bem dito  
o total disto  
nos vossos adâmicos  
ou evísticos  
ouvidos  
sem mais veneno  
que o dum vigor extremo.

Vibravezear.

# DITADOS SABIDOS

“Líquido e certo”  
alguma Sulamita  
me vir dar de beber  
neste deserto?

Pouco adiante  
uma que avisto  
(e “dispo com os olhos”)  
quase me leva  
a crer no mito.

“Líquido e certo  
somente o álcool”  
seja talvez  
a tradução dum dito.  
No entanto,  
peito pateta,  
ela tão perto...

Isto,  
atitude,  
quebre a métrica!  
Coração  
e mente adiante:  
logo o resto  
será beija-flor  
e/ou  
um caule que pica.

Assinaremos assim  
um novíssimo  
*Cântico dos quânticos:*  
"Líquido e certo" –  
e de olhos cativos  
segue-se o resto.

.....  
.....

Ah, Deus!  
Para onde se foi  
a Sulamita?  
Feito pateta  
(ou per-)  
ainda faço  
essa pergunta..

# AO SEU TOQUE

Não raro (não ralas),  
lágrimas  
neste ou nesta  
Valegria  
& arredores  
rolam, pérolas  
de dor.  
Porém se dedos  
terapêuticos porque delicados  
aparecerem  
pelas redondezas  
(tanto faz se parque ou periferia  
em guerra urbana)  
no segundo certo  
ao seu toque  
uma alquimia da alma  
terá efeito  
corpo afora:  
o ácido  
que percorria a face  
corroendo  
alguma psique  
será

como coisa  
nunca sida, sequer pensada  
(sente um contato?)  
nisto  
que todos os de olho  
na validade  
do seu passaporte  
clamam vida.

# ALMOÇO

Arrogante  
mesmo atrás de um prato  
de arroz  
com feijão e carne  
sua amiga (sua amada?  
não sei dizer)  
dizia  
que ele devia aprender a cativar  
as mulheres (todas  
não, evidentemente!).  
Enquanto ouvia  
o que era emitido  
por aquela boca  
mastigante  
nesta era  
tão pós-adâmica  
quanto pré-  
apocalíptica  
ele perdia aos poucos  
a sua vontade  
de também comer.

# O DIA C (OU DA CATÁSTROFE)

Mais do que alguém que desperte  
recebendo a notícia  
de que ganhou o Nobel  
ou acorde com o tapa da novidade  
de como era réu  
num processo muito estranho  
em certo dia  
(manhã – tarde – noite)  
você se vê surpreendido  
pela imagem da explosão  
quando ele ou ela garante:  
não será mais o seu par  
no pacto angélico  
feito faz pouco ou mais tempo  
em nave de paraíso  
cruzando mares celestes.  
Evidente: outra vez  
ou bem pior do que antes  
forças gravitacionais do inferno  
jogam para o solo  
corpo e (c)alma de quem vinha  
patinando feliz ou  
pateta  
acima do convés que já deslizava  
no ar.  
Alternativas nulas:  
nem as cartas

traíçoeiras ou atraentes  
do tarô  
nem as equações precisas  
que no século XXVII  
um jovem matemático desenvolveu  
para as oscilações do matrimônio  
serviram para prever  
os enormes estragos  
causados por quem de repente  
agiu como homem  
ou mulher-bomba  
numa história que parecia prometer  
rotas de felicidade incomum,  
não estilhaços  
agredindo retinas distraídas.

“Bem feito”  
devemos supor que ninguém  
ousará dizer?

# UNUS MUNDUS

Minúsculo  
ou "mais"  
ora pressinto  
achar a mim  
ora temo encontrar  
o Minotauro  
no centro  
do labirinto

carro alegórico  
do íntimo  
(digamos) quântico  
quanto do leite  
dito galáctico

um e outro sem  
pre  
com o seu monstro  
especí  
fico

talvez  
buraco negro  
que enfim carregue  
quem  
dele se achegue  
a um novíssimo  
centro

válido quer  
para o que pense  
as suas chagas  
em lanchonetes  
quer para  
o que dispare  
em viagem xamânica  
numa floresta

isto  
sem que falemos  
em vice-versas  
implícitos  
nessas duas espécies  
de sagas.

Minúsculos  
o Ego  
os labirintos  
quem sabe até  
os Universos:

ínf  
imos.

# TANTO...

Neste preciso minuto  
do nosso apressado  
abecê  
será mais  
do que de bom tom  
que o *Big Bang* se deixe  
dizer  
abreviado:  
*BB.*

*Bebê?*

Oh não!  
Para o caso em questão  
um ovo  
cai bem – cuidado! –  
melhor:  
algo muito  
mais claro, meu caro  
senhor.

Deveras, um ovo  
(que fosse ao infinito  
nosso) tataravô.

Mas um ovo  
assim  
não óbvio  
ou sem a sua ave

anterior?

Sim,  
um ovo cósmico  
de acordo  
com a (des)medida  
de hoje.

Ou (mudando  
um pouco):  
em vez de um  
ovo, um  
óvulo  
quântico  
que fascina tanto  
quanto se ignora  
quem foi o seu  
fecun-  
dador.

Por  
(no en)  
tanto...

# MODELOS

Mandalas são círculos,  
madame,  
não redomas.

Frente  
à merda do mundo  
além  
da dos demais  
vejo a minha  
(amém)  
nadinha diversa  
da dos demais.

(O decoro todavia  
não me deixa tocar  
na questão do odor.)

Merda aduba  
mesmo a não literal  
ainda  
que do pior modo.  
Não prossigo –  
porque  
mandalas são círculos  
onde cabem  
redomas madames  
merdas  
e todos os demais modelos  
do mundo.

# FANFARRA? ALOTROPIA?

Tra-la-la-la-la-la-laire

T. S. Eliot

Dó-Ré-Mi-Faça-me o favor  
de fazer de conta – ou faça de conta  
que me faz o favor  
de crer  
que de fato  
o inferno existe  
embora não  
como o desenhou Dante  
(sem mencionar  
outros sádicos  
menos persistentes).  
Isso!  
Sem drama banal, sem qualquer ar  
dor, admita  
o dado mais duro,  
feio  
feito algum anti  
diamante:  
existe o inferno  
de modo exato –  
tendo até  
endereço preciso,  
CEP,

caixa postal,  
*e-mails*,  
*blogs*, celulares com fotos  
de almas de amigos  
e de desafetos  
familiares, *facebook*,  
*pitbulls* a postos,  
enfim,  
o diabo a quatro  
para não me alongar demais  
ou furar o papo.

Então,  
meu raro ouvinte,  
o maior castigo, ou melhor,  
o mais eficaz,  
aliás,  
o pior dos suplícios  
ali aplicado  
deve ser o seguinte:

deixar as pessoas  
volta e meia

saírem do inferno  
levando seus umbigos  
para um bom passeio  
que sempre termina  
com a volta ao inferno  
de onde de verdade  
nunca saíram, informais  
ou como se fossem  
em seus dias de terno.

Ora, assim, alguém falaria  
com certo pavor:  
"Deus meu,  
mas não é esta  
exatamente a existência  
de tantas pessoas  
numa sobrevida indigente?".

Digo logo: Não sei!  
Mas peço:  
Si-Lá-Sol-Faça-me o favor  
de fazer de conta  
que na verdade  
faço o favor  
de fazer de conta  
que do umbigo para cima  
nunca sei o que digo.

E – só – sem sossego  
sigo pensando  
enquanto assobio:  
onde antes  
falei em diamante,  
falhei  
ao não recordar  
a dinamite?

Próxima vez  
melhor uns grafites  
rápidos,  
com gafes e tudo,  
sem mais  
pretensão de grife.  
(Próxima vez  
– ainda melhor –  
escreverei japonês.)

# UM DOIS TRÊS

Um ponto  
não morre em si mesmo.  
Maravilha para quem  
– revoltado –  
às vezes vê sua pessoa  
às voltas  
com coisas de aparência  
tão pontual quanto  
definitiva:  
desamor alheio desânimo próprio  
fim da vida  
de um só indivíduo apocalipse global  
ao sabor de cardápios  
diversos.

Um ponto  
nem sempre expira –  
como vejo:  
ele se alonga numa espira  
ou segundo passo  
que posso enxergar como vírgula  
e logo símbolo  
de uma galáxia em crescimento.

Um ponto:  
quantos volteios para a mente  
isso implica  
é assunto que tonteia,  
talvez até  
nos faça rever velhas visões,  
se não  
reouvir vozes muito antigas.

# SUPER-NOVA / VELHA QUESTÃO

[...] confesso  
que pouco me importa  
quanto dura uma estrela

Ferreira Gullar

“Poeira de estrelas”  
(segundo o sagaz  
que primeiro era um Carlos)  
é o que somos  
letra por  
letra  
ou pondo cacos de um astro  
em nossos pingos nos  
is,  
na nudez  
como nos trajes  
que faz tempo trazemos  
aquecendo traseiros  
e aquelas outras par  
tes que não nos faltam.

Pois bem:  
se  
do que foi um dia  
ou bilhões de anos  
energia imensa

até a hora de explodir,  
depois pedacinhos, agora objetos enormes  
em órbitas sistemáticas  
ou mágicas da gravidade

vieram também  
virulências humanas  
com seus opostos com  
pensantes,  
estes e aquelas  
carregando cotas de energia  
nos bolsos e nas bolsas,

por que Santo Niilista  
ou Demo Cúmplice  
que de fato dizem não existir  
há noites –  
ah noites que – noites até com sol  
de 8 em 8 minutos  
lhes pondo aspas azuladas –  
noidiurturnismos  
mais do que neuróticos  
em que na psique de não poucos  
não se vê sequer  
um fosforozinho molhado?

Sim, a depressão  
como consequência fria  
do fulgor  
de uma antiga supernova

mas também os salários  
e o saber  
de onde saem usinas nucleares  
mais engenhos  
que podem fazer das nossas possibilidades  
apenas  
poeira sob estrelas.

# RUIM?

Poetas  
ou patéticos  
uivamos  
até cansar os pulmões  
no universo

– mas decepção:

nosso uivo  
é apenas humano  
no máximo do máximo  
um ponto  
de exclamação  
meio animal

nunca  
alguma coisa como  
um verdadeiro  
universo.

(Ou o avesso?)

# TERRA

Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter,  
Saturno, Urano, Netuno, Plutão e  
(talvez) X.

Para os menos céticos  
em dez  
segundo a direção da ponta  
da seta  
(chegada ou saída)  
terceiro pode ser oitavo  
mas também é certo  
que oitavo seja  
terceiro.  
Ela → ei-la → vista daqui  
ou admirada  
pelos também atrevidos de astros  
de lá.  
O vento do sol  
às vezes  
sopra com força  
lasciva  
a cauda magnética  
do seu vestido  
de noiva.

Sim, faz pouco tempo  
estamos indo, ensaiando  
sair,  
crianças que farejam

outra festa.  
Mas quem vier deverá pousar  
como amado  
às cegas  
ou com blindagem  
em todos os seu lados?

Aqui – céticos  
ou não céticos  
a respeito de terceiro  
e oitavo –  
por enquanto ignoramos  
qual o ponto de vista  
certo,  
o mais próximo do centro  
do alvo.

# AQUI, PARA LÁ E ALÉM

Vejam bem como alguns  
(desde os dias  
em que passaram a extrair  
letras e números  
dos labirintos dos ventos)  
almejam correr  
para longe do sol  
e dos olhos  
de qualquer coruja.

Estranhos animais,  
eles são  
os que sonham  
com nada menos  
que arrambar  
os portais de Plutão  
rumo aos parâmetros  
nem sempre orbitais  
do Após.

Vejam bem: somos alguns,  
bilhões também –  
maravilha (ou milagre?)  
– num só quintal.

# FORMAÇÃO

Extraterrestre com certeza  
teu ódio não é  
nem teu amor  
tem origem no campo  
das estrelas.

Ou essa origem  
ambos têm  
de verdade:  
hidrogênio e hélio  
ajudaram a formar  
a constelação  
com pés no teu peito  
e pescoço  
sob a tua cabeça  
nem sempre confusa.

Não espanta que existam  
num mesmo planeta  
desenhos gigantes  
e linhas quilométricas  
nos terrenos de Nasca  
de propósitos  
para nós obscuros

tanto quanto a Nasa  
com os seus projetos  
(projéteis)  
ainda precisos.

# CONE DE LUZ



Qualquer um  
vê:  
um vértice de triângulo  
equilibra  
outro vértice de triângulo,  
    milagre  
no meio da figura  
em forma de X.  
Primeira pirâmide, o passado se afunila  
até um ponto  
ou presentempo  
estreito  
como o diâmetro  
da Terra.  
Logo  
(jogo de opostos)  
a segunda pirâmide se amplia  
pelo futuro sempre vasto,  
    miragem  
multiplicada por miragem  
que o *laser* eficaz

dos microssegundos e macromilênios  
transforma  
em cinzas fumegantes.

Mas o amanhã e o hoje  
não dão meia volta? E dos dois lados  
da partícula do agora  
também não saem setas?

Estranhas

(espero  
que num décimo primeiro céu  
alguém  
tenha rabiscado algumas  
das suas possíveis  
respostas)

perguntas.

# MONÓLOGO SOBRE COMENTÁRIOS OUVIDOS

Num universo à beira deste  
outras leis  
regulam a lógica do triângulo  
com os dois lados Pê  
mais o lado Eme:  
p)oema – p)oeta – m)undo –  
ou mesmo o Erre  
que por certo equi  
vale  
à r)realidade do terceiro.

Ali  
não é a linha-do-poeta  
que sofre de insônia  
e ânsias  
graças ao impulso de produzir  
a segunda linha  
ou o poema muito pouco  
previsível.

Lá  
os Nãos  
mais desafiantes  
pesam dia e noite  
nas costas di

agonais  
do poema ansioso  
e de olhos mal dormidos

ao passo que o poeta  
sequer passeia  
– apenas  
vive insofrendo  
em lugares espalhados pelos campos  
das possibilidades  
sem que o mundo se perturbe  
uma sílaba ao menos  
com isto.

(O suor  
só aparece de verdade  
na testa do poema  
que na do poeta estático  
pinga pérolas  
e mais palavras também barrocas  
do seu mundo paralelo.)

Outro universo  
tem regência diferente:  
nele  
o lado Erre-do-real  
é quem se rala  
nas noites e nos dias  
dos seus sóis específicos  
buscando reunir

p)oeta, p)oesia e m)undo  
numa bela con-  
figuração.

Verdade  
que existem ao nosso redor  
os que acreditam  
numa incrível heresia,  
avessa  
ao que consegue vislumbrar  
qualquer ciência nossa:

a de que esse circuito cósmico  
ou pesadelo  
por último descrito  
pertence  
à geometria do espaçotempo  
em que vivemos  
e muitas vezes nos revezamos  
em assassinatos –

como a da página presente  
já sendo virada  
junto com os olhos dos seus donos  
(muito) (pouco) atentos  
à vasta questão  
de triangulações e leis  
mais estranhos questionamentos  
que volta e meia  
elas tornam possíveis.

# AGORA (E AO LADO)

Depois do ano perde-~~o~~-ganha  
1945

um bom número de nazistas  
obteve emprego na Nasa.

Outra parte – dita menor –  
associou-se  
à sigla diversa  
URSS.

Questão de gosto, talvez de olfato.

Preferência pelo odor  
deste  
ou daquele urso,  
tanto o protestante  
quanto o ateu  
tendo os céus  
como a sua referência.

Nosso antiamém  
aos dois  
(ou ao menos  
o meu)  
ao vivo  
e em memória.  
Eles não se amavam  
ou talvez  
com paixão em excesso.

## 2

Físicos e ficcionistas  
que teorizam sem temor  
sobre os universos  
paralelísticos  
enxergam muito além:  
ianques e eslavos  
enxaguando roupas  
de nazis  
em outros mundos.  
Dizem eles:  
"Ali,  
ao nosso lado, vizinhos" ...

Tanques e máquinas de lavar  
com a suástica  
associada a alguns belos  
logotipos?  
Oh  
horror (g)ótico...

# FÓTONS E AFETOS

Os desertos que disseram  
eu teria que atravessar  
coloquei numa gaveta  
e busquei depois no mapa-múndi  
outros lugares  
onde pôr os pés  
com o resto do corpo

(convicto  
de que não existem só desertos  
na geografia dos desejos,  
no aqui e ali  
em que afetos e fótons  
se afunilam  
tanto quanto se esparramam:

fótons e afetos  
que se estreitam e se espalham  
durante a história  
em que a testa de cada um  
terá que evitar  
cabeçadas e quedas demais  
na paisagem  
estendida de berços a montes  
rodeados do restante).

Talvez  
mais do que dissessem desertos  
aliciassem

– e eu  
com assidu  
idade  
ou  
visse  
uma série de sereias  
entre automóveis e todo  
o resto –

sem poder jurar  
já não haver sido  
um ser da sua espécie  
abrindo para os outros  
vários travessões de perigo.

Desertos, montanhas,  
pro  
fundidades  
cheias de vento ou de líquidos  
ali doces,  
salgados adiante  
sempre saltam  
do vácuo ou de gavetas.

“Devagar”  
é o velho conselho que os pés  
acham difícil seguir  
convivendo com as pegadas de outros  
“antes de agir  
entre as aves altivas  
e os bichos que mastiguem fogo  
nos subterrâneos do mundo”.

# SÍMBOLOS

Praia.

Pedras molhadas  
pelas setas em vaivém das ondas  
me impressionam muito  
menos  
como sólidos e líquidos  
do que  
em estado de imagens:

mais vivas  
na lembrança agora  
ainda que não mortas ao sol  
e ao sal  
das sete horas de ontem.

O sim  
destes símbolos  
e de todos os outros  
não assassina  
prótons elétrons nêutrons  
da matéria  
que para a mente  
nunca é neutra de fato.

O sim destes símbolos  
nada negadores  
porém:

que Tabela Periódica  
da psique  
ou matéria além  
da conhecida  
já bastante estranha  
ele propõe a todos  
como matéria de estudo  
ou delírio  
mais ou menos graduado?

Praia,  
pedras salgadas,  
ondas –  
imagens que emergem.

# MESES DEPOIS DE

“Agora ou faz tempo”  
(pensou o físico entre os seus cálculos)  
“física é o nome  
da minha preciosa magia,  
a que – como física – apenas pode ser  
algo público,  
o que – como magia – não deve mais  
ter este nome preciso.  
Faz tempo ou agora  
física é o nome grego antigo  
dado ao termo persa  
magia  
não de todo esquecido  
pela minha sábia pessoa.  
Agora faz tempo”  
(calculou o físico entre os seus  
pensamentos)  
“podemos sacolejar o espaçotempo  
em segundos.  
Agora”  
(hesitou o físico)  
“que tempo faz mesmo lá fora?”

Alegre com tais cálculos  
e pensamentos,

a Morte “destruidora de mundos”  
todavia  
estremeceu por um brevíssimo  
momento:  
“E se o bravo *sapiens* – em todos os sentidos –  
consegue um dia ensinar ao mundo  
a destruir a Morte?  
Será a glória ou afinal  
a minha participação forçada  
no jeito circular de ser  
de certas serpentes?”.

# EVIDÊNCIAS

Há sonares  
mas já não  
qualquer canto  
de sereias  
ecoando  
na mais funda  
e encharcada  
das areias.

Há sonares  
e já não...  
– Não importa,  
pois existem  
certas coisas  
fabulosas:

celacantos  
por exemplo,  
e também  
um milagre  
de se ver  
e escutar –

quer dizer,  
as gaivotas,  
sim, colegas,  
elas próprias  
neste ar

... por enquanto.

# MANHÃS

Hoje  
fizeram-se os fótons  
nos infernos  
e o carvão das trevas  
foi o que havia  
em volta das árvores  
e outras madeiras  
dos paraísos:  
graçacidez, fossalvação  
em todos os nossos  
endereços.

Hoje?  
É ontem já  
e a língua de novo  
descobriu que sumiam  
as manchas de sangue dos seus dedos  
mal eles tocavam  
por séculos ou segundos  
o coração menos comum das coisas

mas sem pausa para anotar  
os sons corretos  
daquela experiência.

Então  
uma noite mais  
ou muitas.  
Mas agora com algum bom agouro,  
quem sabe vários:  
galos,  
buzinas de humanos,  
o mundo  
dentro do amém das manhãs.

# A VIDA, A NÃO- VIDA E O NADA

Jerusalém Atenas Alexandria  
Viena Londres  
Irreais

T. S. Eliot (1922)

Barulhos, Babel, Baal,  
balbúrdia  
nestes dias que já são décadas  
em formato de ca(c)os  
cada vez mais cosmopolita  
ou audiovisual.

Atravesse ruas e selvas  
como eu  
não dando a mão  
a uma simples criança  
mas a alguma cara geringonça  
enquanto carrega  
no interior da cabeça  
um novo modelo da velha  
televisão  
se não qualquer outra telinha da praça  
que peça:

"Confiança cega, neurônios.  
Temos sinopses

que são realmente parte  
da razão  
das vossas sinapses,  
o melhor  
para os vossos egos e eros  
antes da sua grande  
erosão”.

Sim, mas isto dito  
agora e sempre em silêncio  
em meio à baalbúrdia  
das nossas ágoras tão gordas  
com e sem fios  
que mandam a nossa razão  
para o espaço  
faz um bom tempo.

Tema  
para távolas redondas  
de físicos, astronautas, filósofos  
ou qualquer outra nata

observando o que enquadra  
neste planeta  
a vida,  
a não-vida  
e o nada.

# AUTOAJUDAS

O sujeito se disse mil vezes  
manhã cedo  
galo  
com seu cocoricó:

“Humildade serve somente  
para quem  
é Mais Um Entre Mil,  
nunca  
para quem sempre  
se vê  
como Um Só”.

Cada um dos outros  
999  
não menos arrogante  
pensava  
arrumando cabelo ou careca  
em retrovisor  
de automóvel:

“Sim,  
com certeza  
Sou Eu  
o Melhor”.

("Todos ótimos  
de fato",  
falariam terceiros  
em pós-óbitos, em pré-enterros  
enfáticos.)

# MODÉSTIA

“Não peço tudo”  
(dizia).

“Só quero o resto,  
digamos,  
alguns pedaços:

o rosto  
sobre o pescoço  
o tronco  
os membros altos  
os baixos  
a planta  
dos vossos pés  
a chave  
do apartamento”

(e repetia)

“o incesto  
com uma ou outra  
das minhas tias

a negra  
como a polaca  
num samba-polca

a placa  
do carro branco  
o telefone

– e enfim o troco.”

# MISANTROPISMO

(ou grunhidos  
que alguém disse ouvidos  
de Beethoven)

“De vez  
em quando, de quando  
em vez,  
admito:  
eu vejo  
(digo):  
escuto  
todos vocês.

Ainda assim,  
sigo pautando  
a mim  
e ao mundo que trago  
com certo desgosto  
apenas  
pelos meus próprios  
porquês.”

# V. M. H. – E OUTRAS DÚVIDAS

Bom  
se ninguém tivesse  
não sei se como ônus  
ou honraria  
a obrigação de ser um herói

imposta  
pelo que chamam hoje  
Vida Mundo História  
e ontem eram deuses  
e Deus pouco depois

nem fosse  
coagido a fazer a conjugação  
do verbo conquistar?

Trabalhemos juntos  
para sermos  
(ou não?) assim  
com todas as ex  
cl  
amações  
de nossos punhos  
e pulmões afirmativos!

Pronto – maravilhas à vista  
sobre

a ainda não pobre Terra:

de todos os modos  
seremos heróis em bando,  
conquistadores coletivos  
sem medo  
(digo – aliás,  
digamos: com medos  
diluídos)  
em marcha contra algumas Tróias  
ou tabas  
que simbolizem obstáculos.

Novas armadas,  
armaduras  
e armadilhas não só à vista  
mas à frente  
enterradas  
em nossas fronteiras?

Ser ninguém  
(toda uma existência  
resiste com manhas e dentes  
a isto)  
nunca será trabalho fácil  
para dóceis  
nem para apimentados –

uns e outros  
jamais se desejando ver  
como hegóis –  
correção: heróis  
coagidos.

## 2

O que agora denominam  
História Mundo Vida  
Deus  
e deuses dominadores  
pouco antes:

de um modo ardente ou de outro  
isto e mais  
é (em grande parte) o Sol  
dos lugares  
como sabem os vegetais  
mas às vezes  
muitos dos mais pensantes  
se dispensam de ver

– outro dever nosso  
deste e outros dias naturalmente des  
cumprido.

# AREIA ÁGUA UREIA

Mar  
ou mijo de Netuno  
a que demos  
nomes demais.

À beira dele  
e agora dentro  
posso pensar no céu  
enquanto vou  
com gravidade e alegria  
ao fundo  
onde o sol beija a terra  
ou o solo lambe o sal.

Também eu  
com cabeça quase sol  
e pés que servem de chão  
trago bastante líquido no corpo  
ligando estas coisas.

Urino com fervor.  
Assim  
consagro algo a Netuno,  
Pacífico,  
Atlântico, Índico –  
que por igual  
oferecem o seu ardor fluido  
à terra e ao ar.

# SEGUNDO MILÊNIO A.C.

Babel,  
Babilônia.  
Ele declara, quase ruge, Hamurabi.  
Faz seus ditos ressoarem  
no escuro da rocha,  
diorito  
onde ordenou que inscrevessem  
seu autoelogio  
encabeçando um tronco maciço  
tatuado  
com 51  
colunas  
de leis.

Pedra  
depois perdida  
um número enorme de anos –  
ou mais  
de três milênios  
de soterra  
mento  
até poder vir a dar seus brados  
brabos  
outra vez:  
"Pois saibam,  
sou eu  
o príncipe escolhido, Hamurabi,  
os deuses  
me chamaram pelo nome,

touro bravo  
que chifra os corpos inimigos  
e cala a boca dos que berram  
enquanto  
conquista os quatro cantos  
do mundo”.

Baixo-relevo esculpido  
na área superior da rocha,  
sim, foi  
ele próprio  
que refez uns templos  
(de cidades  
que antes arrasou).  
Foi: “Vim  
trazer justiça para todos,  
minhas leis impedem que os fortes  
firam os fracos.  
Dominei povos de cabeças escuras  
e esclareci a Terra”.

Babilônia e outras cidades  
louvam o seu soberano  
através da voz cuneiforme  
do seu próprio soberano:  
“Eu sou  
o alto, o humilde, o inteligente,  
o poderoso” (com certeza), “o tal e qual  
o céu, aquele

que providencia vários canais  
de água generosa  
protegendo  
a vida das gentes e das cidades,  
invencível  
que põe os pés  
mesmo na caverna dos ladrões,  
piedoso  
pastor de escravos  
e dos que sofrem alguma  
violência,  
sol  
sobre Suméria e Acádia,  
sumidade  
para cada um dos  
Quatro Cantos Do Mundo.  
Os povos agora me vejam  
fazendo justiça.  
Sou eu,  
nesta pedra está a lei, o bem-estar  
das pessoas”.

Vaidade monumental do poder  
(imagem esculpida  
de pé  
estendendo uma das mãos  
diante de um deus sentado)  
mais do que  
simples poder da vaidade –  
alta relevância  
exibida com gana  
nos dois metros e pouco

de um pré-*outdoor*  
de granito.

Estranho, porém,  
que ele já não andasse sobre as águas  
nem voasse a jato  
nem haja efetuado naquele tempo  
a fissão do átomo  
ou feito algumas ironias  
sobre a ideia  
do aquecimento global.

Sim, "sou eu"  
para o futuro pavor  
dos psicóticos,  
já com o seu compacto conjunto  
de leis.

## IN MEMORIAM A. P.

A cada ano  
surge no mundo  
um novo tipo  
de tzar –  
tantos sendo,  
caro Púchkin,  
que mal temos ânimo  
de os tzoar.

(Nem quero recordar  
os feitos  
petróleo-políticos  
de um teu imperfeito  
homônimo.)

A cada ano  
se acumulam, nos atropelam  
seus planos  
sem ônus maiores  
para os que se veem  
como nossos  
grandes Donos  
a cada dano.

# KHUBILGAN

De repente (1928)

o rato  
se transfigura  
em bípede humanoide  
não  
como nas prosopopeias pintadas  
faz milênios  
nas paredes das cavernas paleolíticas  
porém  
graças à magia das narrativas  
gráfico-visuais  
da cultura de massa.

Já o humano (1915)

é objeto  
de transformação diversa  
(prosopioposta?)  
mesmo que não ganhe formato  
de roedor  
mas de abjeto inseto  
em páginas de uma cultura  
tida como altíssima.

Disney (28)

e alguns poucos anos antes  
Kafka (15):

na boca da fama  
tanto *Mickey Mouse*

quanto *A metamorfose*  
no espaçotempo definido  
Terra  
século XX  
e – ao menos com um  
ai – ainda agora.

Antropomórfico  
o camundongo que até  
a chegada dos dias  
do seu maior sucesso (e menor moralismo  
do seu criador  
segundo dizem) teve Mortimer  
como primeiro nome  
e foi bebedor  
não menos do que foi  
um bom fumante.

De certa forma  
um antônimo seu  
o homem  
feito inseto  
de nome permanente  
Gregor Samsa  
até ali  
caixeiro-viajante.

Ratumano e humaninseto:  
contemporâneos.

Precursores  
de que neoprodígios

presentes  
em poucos anos  
em nosso horrorizonte?

Ponto de interrogação  
ultra  
(faz tempo)  
passado.

Um Dr.  
(Charles Vacanti,  
1995)  
teve a coragem  
de exceder as mentes  
de Franz e Walt –  
sim – e de jeito  
concreto:  
rato  
com implante de orelha  
feita de cartilagem  
de gente.  
(Nojento? Interessante?)

Entretanto  
camundongos  
baratas possíveis  
e sobretudo  
manadas  
de felinos leitores  
ânimo! –  
arregacemos as tangas  
agora mesmo

se de verdade almejamos  
porvires muito diferentes  
dos de hoje.

## 2

*Khubilgan*  
em língua de outros:  
assumir  
novo formato.

Por que os xamãs  
Kafka  
– inseto  
Disney  
– rato  
e Vacanti  
– enxerto  
não legaram  
algo bem melhor  
para as rumações dos nossos  
inconscientes?

# MONTE EREBUS, ANIMUS E MAIS

[...] fogo no gelo, chamas e fumaça em excesso [...].

James Ross (1841, Baía de MacMurdo)

Fitar o olho  
da fera fumegante?  
Evitar  
uma visão mais pública  
das suas brasas?

Diante  
das atividades ardentes  
dum Erebus no extremo  
sul do planeta  
a segunda  
é sem dúvida a que chamam  
escolha não letal  
mas com certeza também  
vale como neve  
no espírito de fogo  
dum vulcanólogo.

O mesmo acontece  
não em ponto distante  
que se ache no antártico  
porém logo ali

nas coordenadas da mesa  
de um *shopping* dos trópicos:

a senhora que vê  
os ombros de bronze  
saltando  
da camiseta do jovem  
oscila entre o polo  
onde tudo incandesce  
e o do bom senso  
de seus olhos sonsos  
discretos  
de atuação  
nunca muito sonora.

Quanto ao senhor que examina  
o esboço acima  
intuindo nuvens rubras  
num cérebro  
de mulher idosa  
ele balança  
entre pareceres semelhantes  
aos dessa dama  
quando volta e meia tro  
("Demônios!", pensa)  
peça  
nalguma bela irmã  
dum Erebus febril.

# TRAUMAS EM TEMPOS DE PAZ

(Antes de 1914,  
depois de 1918.)

Não só os mais evidentes:

também os martelos invisíveis  
provocam dor  
quando – por isto ou aquilo –  
recaem  
com bastante vigor  
sobre as cabeças ou psiques  
dos existentes,  
sempre imagináveis  
de modos vários,  
menos  
o de bigornas férreas,  
de fato resistentes.

São traumas  
em tempos de paz:  
precursores  
do que nas guerras  
tanta gente faz  
ou – depois destas –  
práticas  
de pós-doutores?

São o que forem,  
porém  
santos não, meus amores:  
demos  
a que nos damos com prazer,  
baixezas  
elevadas ao cubo.

Entre os fios desta fábula  
contudo  
talvez se possa ver no futuro  
algum  
que indique alívio  
para um número não desprezível  
de almas corpóreas:  
o de haver a sério  
certa paz  
mesmo quando em tempo  
de traumas.

# PARA AQUEM DO PENSADOR DA MENTE

Freud (1920)  
traz para a boca da cena  
ou da fama:  
Irmãos humanos,  
a grande luta, a batalha básica  
não acontece mais  
entre Eu e Eros  
como imaginei em páginas do velho  
1905. Agora  
o combate ocorre num *front*  
opondo Eros  
(vulgo Amor ou Pulsão de Vida)  
à Morte  
(ou Pulsão da própria)  
e evidentemente  
vice-versa.

(Frente  
a essa errata de Freud,  
um gaiato  
de chiste em riste  
poderia falar no “conflito  
entre o que rola  
no horizonte da cama  
e o que não rala coisa alguma  
no do caixão”.)

Mais ou menos assim,  
mas sem gracejos duvidosos,  
cogitou Freud,  
com dedilhar virtuosístico de argumentos  
e – quem sabe –  
algum prazer sádico.  
Todavia,  
mais ou menos  
como os dogons africanos  
ditos primitivos  
antes dos astrônomos de telescópios  
ou na sua vanguarda  
talvez soubessem  
da segunda estrela Sirius  
(invisível ao que chamamos  
“olho nu” –  
e ignoremos se também aqui  
andamos com a cabeça em Eros),  
os sumérios viram,  
com vários séculos de antecedência  
em relação  
ao Sigmund austríaco  
e não poucos centenários  
precedendo um Cristo  
muito mais próximo: em versos épicos  
eles viram  
como a deusa Inanna  
do sexo e da guerra  
ousou descer  
às raízes do inferno  
da sua irmã Ereshkigal.  
Ainda que versada em refregas

(para além de esfregadelas),  
Pulsão de Vida – aqui Inanna – foi a deusa  
que não ganhou o *round*:  
sete vezes no além desnudada  
(o que elucubraria o aparelho mental  
do prodigioso Freud  
a propósito  
dessa nuance erótica do episódio  
ou o seu “filho pródigo” Jung  
a respeito  
daquela milenar simbologia  
numerológica?),  
Inanna  
terminou morta, pendurada num cravo  
no subterrâneo em que pretendeu penetrar  
sem perder a vida.

Sim,  
sete vezes até a sentença de morte  
ela foi despojada  
(da coroa,  
do bastão lápis-lazúli,  
das gemas do pescoço,  
das duas pedras ovais dos seios,  
do anel de ouro,  
das gemas do peitoral,  
do traje real Pala  
cobrindo o seu corpo)  
pelo eficiente porteiro do inferno  
Neti.

Liberados os membros de Inanna  
de roupa,  
enfeites e insígnias,  
dela agora temos apenas a visão  
das formas externas imóveis,  
sem leito  
nem túmulo em que se deitem  
como deveriam.  
Mas não:  
não acaba assim o episódio  
da deusa suméria  
condenada a morrer despida no local  
por juízes subterrâneos  
também em número de sete.

Razoáveis ou atozes,  
acordos  
sempre podem ser feitos. Logo,  
o seu marido Dumuzi  
em todas as metades dos anos  
seria hóspede dos infernos;  
a outra metade  
sobraria para a irmã de Dumuzi,  
ficando Inanna,  
já devidamente revivida,  
livre  
dessas duas obrigações semestrais.

Com certeza  
tal história de trocas  
é dotada de detalhes mais complexos:  
Ninshubar

agindo a serviço de Inanna  
junto aos deuses  
daquela região de dilúvios,  
até que o divino Enki  
extraísse das suas unhas sujas um par  
de seres assexuados  
(sic,  
a que se deveria somar agora  
o possível ceticismo de Freud,  
porém neste ponto  
de jeito algum o de Jung),  
um par de seres fabulosos  
deveras assexuados  
que carregassem com eles o Alimento  
e a Água da Vida  
para nutrir os dois numa nova jornada aos infernos  
(serviço de emergência)  
e para a ressurreição pré-cristã de Inanna  
(s.o.s. místico),  
etc, etc  
segundo os versos  
que nos chegaram da narrativa.

Pulsões:  
quer vestidos quer desnudos,  
sempre visíveis  
a um "olho nu" alheio  
que a cada dia se faz nosso  
desde o parto  
até a data da grande partida,  
vocês e eu

que aguentemos essas forças, muitas vezes  
precisando aprender,  
com ou sem  
terapia freudiana, estrelas duplas  
ou crucifixos como bússolas,  
a plantar gotas d'água  
nos campos vulcânicos da Psique  
ao longo de todo o ano.

# AMOLANDO

"Mais tarde...

Não:

*mais tardes*

é o que eu queria",

assim o velho  
afiava ao menos a linguagem  
da sua filosofia  
acompanhada pelas orelhas  
não muito atentas  
do neto imaginário  
saturado pela parolagem  
de algo que não entendia.

Esmeril da idade.

# DÍPTICO

porque esta dor que a alma me penetra  
não ache o menor bem na menor letra

Violante do Céu

Haverá  
quem pense à vera:

com agredido e agressor  
num mesmíssimo  
pacote  
ainda que não (ou nem sempre)  
em situação de pacto –

enquanto  
não tiver agredido  
alguma outra pessoa,  
o agressor  
não poderá ser agraciado  
com o seu diploma  
de agressor

e tampouco  
o sujeito agredido  
terá direito  
ao seu título apropriado  
(de Mestre ou Doutor)

caso  
não mostre ao mundo  
ao menos um bom  
hematoma – obtido ou não  
dentro de casa.

O que  
atrairá a pergunta:

se a segunda  
parte do tema (o hematoma  
considerado  
em quantidade mínima agora)  
deve ser lida apenas  
à letra  
como traumatismo que se exhibe  
à nossa cara

ou se o sangue do seu caso  
também poderá ter  
caráter não restrito,  
dilatado,  
simbólico.

Uma  
tanto quanto outra resposta  
não impedem alguém de engatilhar  
nova pergunta  
(de espírito oposto  
ao que primeiro foi pensado  
deveras):

antes do seu ato,  
o agressivo  
não  
merecerá todos os sinônimos  
de agressor  
e o passivo por seu lado  
não  
deverá ser visto como um verdadeiro  
sofredor  
previamente  
a no mínimo um choque  
bem sofrido?

## 2

“O mundo é dos espertos”,  
sem a tentação da dúvida  
rezam os candidatos mais atentos  
a papéis  
nem um nadinha cândidos.  
Todavia,  
desde bem antes da véspera  
de anteontem,  
apesar dos seus vários caminhos

e diversos des-,  
um  
ponto  
deveria ser  
trivial, tribalmente sabido:  
o  
dito mundo  
é de todos, espertos e não,  
qualquer o horizonte que se admire –

ar, terra, mares,  
usinas  
e armamentos nucleares.

7 x 1.000.000.000

A única evidência, pelo que sei, a respeito de outra vida é, primeiro, que não temos nenhuma evidência; e, em segundo lugar, que lamentamos muito não tê-la e adoráramos ter.

Robert Ingersoll

Faça-se de conta  
que uma explosão  
(como inúmeras outras)  
já passa da conta.  
De quê?  
Poderá ser – entre mais coisas –  
de pê: superpopulação.

Neste século  
alguém faça  
não sei qual espécie de contas  
para vir bem a saber:  
sim,  
SUPERPOPULAÇÃO,  
acrécimo de corpos  
& psiques  
(psicorpos, corpsiques),  
nunca de nova matéria  
ao Mundo,  
sempre com o seu mesmíssimo  
ABZ.

Com certeza  
uns (os corpos) tão só  
se transmudam.  
Mas umas (as outras)  
emudecem  
um dia para valer  
aos pés  
dessa transformação?

(Sobre esse belo colar  
desfeito  
e ao menos em parte  
refeito sempre  
perturba perguntar  
para onde irão todas  
as contas.)

# MAROTIMISMO

Se  
no futuro  
não virmos baleias  
no que ainda é  
"caminho da baleia"  
este caminho  
(podemos ter fé)  
caminho  
também não será –  
mas  
só mais um item  
para nosso catálogo  
contrecológico  
e *antikennigar*.

"Se"? Por que  
"se?"

Ora  
– com porras à proa  
e à popa! –  
por ora  
porque sim,  
minhas queridas  
Auroras  
e demais caras  
que ruborizem  
ou empalideçam  
no esplendor aflitivo  
de agora.

# NÃO “SE” MAS “QUANDO”?

Se os geneticistas estão corretos, entre 500 mil e 800 mil anos atrás, algo [...] destruiu a maior parcela da população humana, reduzindo-a a mais ou menos meros mil indivíduos.

Charles Seife

Depois  
de valas e mais valas,  
transformamos ao menos  
nossas maneiras  
à mesa  
(ou a ira  
com que conseguimos  
virá-la).

Grande,  
grave conquista:  
fazemos agora  
revoluções  
que mudam formas de governo,  
não  
o “modo de produção  
capitalista”.

Mas quase nunca seguimos  
nossas bem sábias estantes,  
descendo  
punhos e cucas  
às ágoras

para defender de verdade  
os direitos  
da terra, do ar, das águas,  
das águas  
e do restante que reside,  
resistindo,  
em redes da natureza

contra o que nossas nuças  
e frentes  
fazem com ela:  
fezes químicas, industriais, nucleares  
e não sei mais o quê  
de nossas linhas de frente  
e costas  
(ou já circunferência sem limites)  
atirados  
em seus pobres poentes  
e pomares.

Avante  
assim mesmo,  
burgoproletários, campocitadinos

de todo o planeta!  
São talvez  
seus ventos sacros  
aliados aos laicos  
que vêm reunindo forças  
e fúrias  
na grande praça do mundo  
diante  
de nossas fuças.

Palácios e palhoças  
mal irmanados  
o que irão poder  
ignoro  
perante os zilhões  
de soldados inumanos  
de pântanos,  
desertos,  
roças e não roças.

Uma raça inteira  
pode prosseguir  
algum tempo urinando  
por exemplo  
petróleo  
mais ou menos  
dolarizado –

não orar no futuro  
aos deuses  
das suas hipermodernas  
usinas

por no máximo algumas horas  
não doloridas.

(Se “meros mil” foi o número  
que nada indica  
ter saído apenas da humana  
matemática,  
“quando” virá – pois “onde” é aqui mesmo –  
a próxima subtração  
é coisa que não preocupa tanto  
como o “quanto”  
de nossa atual mas pouco inocente  
ignorância.)

Sim,  
palhaços, polícias  
e mais aditivos,  
o que mal ou (enfim)  
bem irmanados  
poderemos fazer  
desconheço,  
o que talvez abasteça  
certa esperança in  
certa.

# QUESTÃO

Toda a atenção  
dos velhos, menos velhos e  
mais moços:

No fundo  
do poço  
pode haver  
um ou  
tro poço  
tão fundo  
quanto

– e assim  
como lacrar de vez  
o nosso  
tão persis  
tente  
calab  
ouço?

# O DIA DO JUÍZO FINAL

O

dia-espada  
ou  
escada-da-razão  
em que cada  
um de nós  
iria  
pensar claro,  
certinho, racional  
mente  
afinal  
nunca veio.

E

se houvesse  
tal  
advento  
aqui  
no terra-a-terra,  
na geral  
correria (na correria-guerra  
da geral),  
alguma gente  
todavia  
com sua dialética  
do esclarecimento  
ex-correria  
sabendo  
que esse dia-sabão

escorreria –  
pelo ralo,  
é  
claro.

# (LOCALIZAR NO PC

O que  
se não for o encabulado  
vocabulozinho  
*paz*  
neste arquivo?

Bem nobre – coitado! – mas não  
o arquivo  
aqui e ali meio ambíguo,  
tão só  
o sempre inflacionado  
vocábulo

apesar de tudo  
entre os nossos dedos  
esquivo...

Até o tim-tim por tim-tim  
do boletim presente  
não menos  
do que nove ocorrências  
de socorro  
do monossílabo – compreensível  
s.o.s.  
de que não nos livramos  
nas páginas  
de ar, água, terra, fogo  
– com marcador rubro-sangue –  
do nosso Livro:

a pé, a cavalo, às botas,  
botões e teclas,  
da Pedridade  
aos dias do não esquivo deus  
*High Tec,*  
bactérias, baratas e esquilos  
observam  
como chovem socos  
e projéteis  
cada vez mais jovens  
sobre a p-a-z.

Pronto, mais uma  
trinca alfabética  
para a prova dos nove:  
perto do fim  
ou de morder a cauda  
a cobra preta  
ondulando sobre a neve  
da tela ou do papel  
quase se com-  
pleta.)

# HETERÓLOGO

“e se sois poeta”

Jacques Lacan

O poeta não é mais  
nem muito menos  
degenerado  
que delegado mais ou menos  
(t)elegante  
de toda a gente.

Muito imodesto  
talvez ele finja mesmo  
ter um superávit  
inusitado  
de mente.

Mas ele também não é  
um indulgente  
com seus estados  
que são sólidos  
líquidos  
gozosos.

O que explica  
que ao dizer adeus  
lúcido  
ele não queira dizer  
só  
ao seu povo  
até logo.

# MUITO BOM

Muito bom seria  
menos sons,  
nunca mais poemas  
em excesso  
como as portarias:

apenas expressos  
bem diretos  
às melhores cenas  
de sucesso.

Muito bom, Maria,  
mas à vera  
eu me expresso?

Ou – você diria –  
nada que mereça mais  
que o mero  
“Ora essa!”  
como as fantasias?

# COMO O AZUL, A BRASA

O supra  
    e o sub  
são afinal  
o mesmo céu,  
    o idêntico sideral,  
o que, em são  
    e até insano

juízo,  
justifica aqui,  
em qualquer além  
e no aquém que for  
um mesmíssimo  
inciso:

pacíficos como o azul  
ou  
com a cabeça mais rubra  
do que o coração  
da brasa,  
uma coisa  
que nunca fazemos deveras  
é voltar  
para a nossa casa,  
já estando sempre nesta ou naquela  
parcela  
da sua construção  
– caverna, labirinto, galáxia –  
talvez com uma só espécie

de porta  
de saída,  
buracos negros onde o adeus não sabe  
o que pode r(u)ir depois.

# OTIMISMO

No fim de tudo  
o luto?

No fim do luto  
me iludo  
de novo  
que de outra vez  
farei  
melhor estudo,  
terei estalos  
bem mais espertos  
para evitar  
um fim-de-tudo.

Quem sabe  
assim  
até acerte  
com precisão  
de sabre  
antes de haver  
o fim-de-tudo  
que já  
ao soar do A  
promete a  
quizombaria extrema  
ainda não  
decodificada bem  
pelo nosso QZ.

Quem sabe  
alguma vez  
(proeza  
e o que mais?)  
as minhas setas  
não piruetem  
– mas  
zutezotezitezetezás:  
aprendam,  
avancem retas  
previsíveis  
portanto *efic*  
*azes*  
à p  
az  
.  
.  
.







Lino Machado emitiu o seu primeiro som no mundo exterior em 1957, no Rio de Janeiro. Desde 1993, todavia, trabalha na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com satisfação que tem crescido em progressão geométrica. É o seguinte o seu *corpus* de publicações literárias que almejam dos leitores, de ambos os gêneros, ouvidos poéticos (ou visões críticas que o alvejem de modo mais ou menos certo):

- “Meus & de mais” (poemas), folheto individual (Vitória, 2002);
- “Quatro cadências” (poemas), em *Instantâneo: fermento literário* (Vitória, Secult, 2005);
- “(Pseudo)glosas marginais ao cancionero medieval” (poemas, apesar do título!), na revista *Floema* (Vitória da Conquista, UESB, ano V, n. 5., jul./dez. 2009);
- várias composições líricas (e, a contragosto da índole pacata do autor, satíricas) no site [www.estacaocapixaba.com.br](http://www.estacaocapixaba.com.br);
- “Seis epígrafes & algumas gafes” (poemas), em *Prêmio Ufes de literatura* (Vitória, Edufes, 2010);
- *Sob uma capa* (volume de poesia, uma das meninas dos seus olhos míopes: Vitória, Secult, 2010);
- *Entre dois vetores* (novo livro de poesia, a sua segunda garota dos olhos: Vitória, Secult, agora nas mãos ávidas ou indiferentes dos leitores).

“[...] no cenário da poesia brasileira contemporaníssima [...], destaque-se uma certa indiferença pela História, quer do Brasil, quer mundial (e, por extensão, pela participação ou pelo engajamento em causas sociais). [...] um contra-exemplo [disto], boa parte da produção de Lino Machado.”

**Wilberth Salgueiro**

“Amém!”

**L. M.**

Parceria



Realização

